

Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS

Nº XXVII - FEVEREIRO/2026



SUMÁRIO



03	APRESENTAÇÃO EDITORIAL;
06	ILUSTRES ILUSTRADORES;
07	PRÓLOGO DOS ARTIGOS;
08	<u>ARTIGO 1:</u> KALI: A DEUSA INDIANA DESTRUIDORA
13	<u>ARTIGO 2:</u> OS MUITOS NOMES DE HÉCATE
19	<u>ARTIGO 3:</u> SKOLL! BRINDE DE SANGUE PELA MITOLOGIA
22	<u>ARTIGO 4:</u> A CIÊNCIA E O JACK LANTERNA
26	<u>ARTIGO 5:</u> MITOLOGIA DOS SIGNOS: PEIXES, ÁRIES E TOURO
33	BIBLIOTECA DE THOTH;
35	VITROLA DE ORFEU;
41	HISTÓRIAS DA VÓ TIANA;
43	ARQUIVOS DE LOKI;
47	A NONA ÁRVORE;
63	ACADEMIA DE QUÍRON;
75	PANTEÃO DE COLABORADORES;
82	AGRADECIMENTOS.

APRESENTAÇÃO EDITORIAL



Em fevereiro de 2021 estava sendo publicada a primeira Mitologia Aberta, a revista mais democrática de mitologia do Brasil e também a única revista brasileira de mitologia. Na 27ª edição estamos comemorando esse período incrível em que a Mitologia Aberta apresenta a cultura do mundo todo através do sagrado e das conexões ancestrais com as histórias mais fantásticas que já ouvimos!

A artista de capa trouxe ninguém menos do que a Deusa Kali, em todo o seu esplendor, para presentear a Mitologia Aberta com tamanha potência divina! Sua arte espelha uma delicadeza que todos os hindus conseguem ver na figura da deusa mais poderosa do mundo, mas que também é chamada de Kali, a Mãe.

Temos artigos incríveis, trazendo divindades antigas em sabedoria e poder, que nos mostram porque a

mitologia é e sempre será um assunto importante e instigante!

A jornada do herói mítico existe para nos mostrar que os renascimentos fazem parte do caminho e que para vencer é preciso se renovar e descobrir o elixir sagrado! Para a Mitologia Aberta, este elixir é feito de colaboradores e leitores incríveis!

Acompanhem nossos artigos, sempre recheados de conhecimento! Na Biblioteca de Thoth, temos uma dica maravilhosa de mitologia eslava! A Vitrola de Orfeu apresenta uma banda incrível e nada convencional. Nos Arquivos de Loki, uma resenha muito hindu espera por você! A Nona Árvore nos traz mais um novo galho da mitologia em histórias em quadrinhos! Nas Histórias da Vó Tiana, mais uma história impressionante será contada. Por fim, na Academia de Quíron, eventos incríveis estão esperando por vocês!



Larissa Dias

Sou Larissa Dias, uma apaixonada pela Mitologia!
A Revista Eletrônica Mitologia Aberta surgiu com três principais objetivos: Divulgação, Colaboração e Paixão!

GUIA DE SEÇÕES

ILUSTRES ILUSTRADORES



Para saber um pouco mais sobre os artistas que dão vida às nossas divindades por meio de incríveis ilustrações.

ARTIGOS



Um grande banquete onde todos os deuses se encontram para partilhar conhecimento.

BIBLIOTECA DE THOTH



Thoth é o deus da sabedoria da mitologia egípcia e nesta seção vasculharemos em sua biblioteca dicas preciosas de livros de mitologia!

VITROLA DE ORFEU



Orfeu é o deus da música da mitologia grega e aqui teremos acesso à sua amada vitrola, repleta de mitologia musical!

HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



Quem nunca teve um familiar que lhe contasse histórias? Minha avó Sebastiana era mineira e sempre me contava histórias. Aqui, estarão essas histórias, que fazem parte da mitologia familiar brasileira!

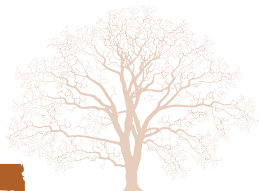
GUIA DE SEÇÕES

ARQUIVOS DE LOKI



Loki é o deus das trapaças na mitologia nórdica e com ele, tudo era fictício. Assim, muitos mitos se desenvolveram sobre as ficções criadas por ele. Por isso, nesses arquivos estarão algumas obras de ficção que foram baseadas na mitologia.

A NONA ÁRVORE



A Nona Árvore é uma seção especial para publicações de HQs mitológicas.

ACADEMIA DE QUÍRON



Quíron era um centauro da mitologia grega, que treinava os heróis! Então, nesta seção poderemos encontrar cursos, palestras e eventos de mitologia para quem queira se aprofundar neste tema encantador!

PANTEÃO DE COLABORADORES



Para saber um pouco mais sobre todos os incríveis colaboradores que criam cada uma de nossas sessões!

ILUSTRES ILUSTRADORES

“

Ilustradora, quadrinista, professora e animadora 2D e 3D. Tem trabalhos autorais mesclando fantasia, horror e romance. Sua primeira HQ foi “Abraço de Sangue (2020)”, um romance de horror gótico. Participou das coletâneas em 2020 para Skript Editora, “Pândega” (com Paralisia) e “Emília 100”. Em 2024 lançou “Historietas Vampirescas”, com desventuras de uma vampirinha desastrada.

Formada em Artes Visuais, estudou Arte Digital na Quanta Academia e Roteiro no Instituto de Cinema, além de Animação 3D no Senac e animação cut-out pela escola Viu Cine.

”

JACKE ACEITOU O DESAFIO DE CRIAR UM NOVO CONCEITO PARA A DEUSA KALI. AGRADECEMOS DE CORAÇÃO ESTA ARTE LINDA E ENIGMÁTICA, QUE MOSTRA TODO O SEU TALENTO!



Jacke Santana

Instagram: @Jackesart

Site: [Http://jackesart.carrrd.com](http://jackesart.carrrd.com)



"Kali",
Arte que ilustra a capa desta edição.

PRÓLOGO DOS ARTIGOS



A revista Mitologia Aberta vem comemorar seus cinco anos de existência com artigos de peso de queridas colaboradoras de longa data! Misteriosamente, todos os artigos desta vez são de mulheres, bem quando nossa capa vem a ser da deusa mais poderosa da Índia!

No primeiro artigo, eu tive o prazer e a honra de poder falar de Kali, uma deusa magnífica pela qual sempre tive muito apreço! Uma divindade controversa, que carrega dentro de si o caos da destruição e a justiça divina. Falar de Kali é falar daquela cuja história já me amparou muitas vezes, e, por isso, foi uma grande emoção!

No segundo artigo, Eliane trouxe de forma única a deusa Hécate, uma deusa escura e também a grande deusa das bruxas! Com seus muitos nomes, Hécate revela como o lado sombrio pode nos ajudar a caminhar em nossa vida.

No terceiro artigo, Gabi fala de um tema assustador: os deuses bebedores de sangue! Para quem não conhece, existem vários deuses com essa prática, e saber sobre eles é de

extrema importância para compreender a mitologia comparada.

O quarto artigo traz Adriana falando sobre o Halloween, Jack Lanterna e sobre a magia, pois conhecer os mitos antes de suas transformações é entender os caminhos culturais que nos levaram até certas comemorações.

No quinto artigo, Andréia mostra a mitologia de mais três signos: peixes, áries e touro, fechando mais uma série memorável da nossa Revista! Venha saborear esse artigo incrível e navegar no significado mítico de cada um deles!

Apreciem sem nenhuma moderação, pois o único efeito colateral de consumir mitologia demais é começar a acreditar nos deuses! E, afinal, que mal há nisso?

Boa leitura!
Larissa Dias

KALI:

A DEUSA INDIANA – GRANDE MÃE E DESTRUIDORA

POR LARISSA DIAS

Existem dois deuses de maior devoção na Índia: Ganesha e Kali, segundo Bansal (2008).

Ganesha é o Deus da fortuna e da sorte, o removedor de obstáculos. Ele é um simpático elefante rechonchudo, com uma das presas quebradas, e toda a sua imagem simboliza o bem, a prosperidade e a sabedoria.

Kali é a deusa da destruição, devoradora de demônios e uma bebedora de sangue, com uma sede insaciável. Ela é representada como uma mulher com uma saia de 10 braços, colares de crânios e com a língua cheia de sangue.

Para os ocidentais, é importante pensar em como os indianos conseguem ter duas figuras tão distintas como suas principais divindades de adoração.

Há alguns anos, eu estava estudando um livro sobre mitologia comparada chamado “As Máscaras de Deus”. Eu tinha acabado de começar meus estudos míticos e nunca tinha ouvido falar de deuses não ocidentais, até que encontrei na mitologia da Índia a figura de Kali, que me chamou atenção na mesma hora. Uma deusa guerreira cheia de atributos incríveis e que à primeira vista parecia ser “má”.

O Ocidente tem a mania cristã de dividir os deuses entre bem e mal, graças a uma dualidade existente na principal religião vigente. Mas já dizia Nietzsche, existem coisas que estão muito além disso, além do bem e do mal, pois o bem e o mal dependem muito da cultura na qual esses conceitos estão inseridos e da situação na qual ocorrem.

A imagem de Kali é, sim, controversa. A princípio temos uma deusa gigantesca, com três olhos, uma saia com dez braços humanos decepados e um colar de crânios, podendo ser representada nas cores negra ou azul, com 4 braços, uma língua pendente e ensanguentada para fora da boca em expressão de fúria, segurando a cabeça de um demônio que derrama sangue sobre um recipiente e uma espada em outra mão, pisando sobre o corpo do deus Shiva. Quem olha para uma deusa assim pode dizer facilmente que ela é a representação do mal, pois essas características são conectadas ao mal aqui no Ocidente. Mas e se eu te contar que ela representa exatamente o oposto?

Vamos começar a história de Kali com seu nascimento, mas, antes, falaremos um pouco de quem lhe deu a vida: a Deusa Durga!

Conforme Biachini (2016), Durga era uma divindade única: uma deusa guerreira e uma deusa suprema, chamada de a *Inacessível* ou a *Invencível*. Ela é o aspecto guerreiro da deusa Pavarti, tem oito braços, cavalga um leão ou um tigre e possui armas em todas as suas mãos. Ela é o aspecto criativo do feminino e tam-

bém sua força e coragem.

Conta o mito que um demônio chamado Mahish Asur fez intensas orações ao deus Brahma e conseguiu obter a dádiva de não poder ser derrotado por homem ou deus. Diante disso, ele gerou um reinado terrível de medo e terror em todos os mundos.

Mas é aí que entra a Deusa Durga, que nasceu para matá-lo. Como nem homem nem deus poderia matá-lo, surgiu então uma deusa mulher, uma deusa chamada Durga, quando os deuses rezaram para *Devi* o mantra (canção sagrada de repetição) "**Om Namó Devaye**", que criou a deusa mais poderosa até então! Hoje em dia ela é das deusas mais adoradas na Índia, principalmente durante o festival Durga Puja! (BIANCHINI, 2016)

Se Durga já era tão poderosa assim, porque haveria a necessidade então de uma deusa como Kali?

Conta o mito que os demônios Canda e Munda decidiram tentar derrotar Durga em uma guerra cósmica, de proporções nunca vistas. Eram tantos demônios, que Durga não conseguiu dar conta de matar

todos eles. Ela estava prestes a ser derrotada quando decidiu criar uma divindade de violência extrema, pois apenas isso poderia derrotar o mal que se apresentava.

Conforme Odier (2019), tudo começou quando alguns dos demônios tentavam raptar a deusa Durga na batalha, enquanto ela estava mais vulnerável. Ela, então, deu um grito de raiva, e seu rosto tornou-se negro. Do meio das sobancelhas de Durga, do seu terceiro olho, surgiu Kali, portando a sua espada, com uma face aterrorizante, carregando um bastão ornado com crânios, um colar de cabeças cortadas e usando uma pele de tigre. Ela parecia muito ameaçadora. Sua boca era como uma caverna ensanguentada, com uma língua vermelha amedrontadora e olhos caídos de raiva e ódio, emitindo rugidos aterradores.

Ela avançou sobre o exército dos asuras, os demônios, e os massacrou, devorando os inimigos dos deuses. Ela tomou os elefantes, que eram a montaria dos demônios, levou-os à boca e devorou todos de uma só vez. Ela fazia o mesmo com cavalos e seus cavaleiros, destruindo-os entre seus dentes insanos. Também com a boca,

ela destruía as armas fatais lançadas pelos demônios, até mesmo as armas cósmicas. Seja devorando com sua boca, cortando com a sua espada ou amassando-os com seu bastão e pés, ela acabou com todo o exército de demônios, como nenhuma outra divindade seria capaz.

Diante disso, Canda correu na direção de Kali e a cobriu com uma chuva de flechas, assim como Munda lhe lançou milhares de discos afiados. As flechas e os discos entraram pela boca de Kali, como se entrassem em um mundo de caos negro. Com seus dentes brilhantes, a deusa emitiu sons terríveis, que faria tremer qualquer humano, demônio ou deus. Ela montou em seu leão, perseguiu Canda e cortou-lhe a cabeça. Foi atrás de Munda e o cortou em vários pedaços com sua espada.

Ela destruiu, sim, os demônios e venceu a guerra, mas agora havia outro problema: ela estava completamente intoxicada pelo seu poder, tanto que não conseguia parar, e iniciou uma terrível dança de destruição. Ela começou a destruir tudo pela frente, inclusive os deuses, os homens e, se não fosse parada, logo destruiria o mundo todo.

Foi então que a deusa Durga fez um apelo a Shiva, seu consorte e o deus da destruição, o único que entenderia esse poder e que seria capaz de parar Kali. Foi então que Shiva decidiu deitar-se entre os moribundos, e quando Kali pisou em cima dele, nada aconteceu. Mas com o poder do *lingan*, o falo sagrado de Shiva, ele acalmou a deusa e a envolveu no amor absoluto, parando finalmente a sua destruição.

Kali representa o azul escuro da noite, onde tudo desaparece. Ela é adorada na lua negra, entre piras funerárias. Ela é a natureza sem forma, nua e plena, com seus cabelos negros desgrehados e insanos, que, lançados até os joelhos, transmitem medo. Ela encarna o poder de acabar com tudo. Seus três olhos representam o passado, o presente o futuro, pois ela também é a destruidora do tempo.

Mas para os hindus ela é muito mais do que isso: ela representa o último recurso, aquele com o qual eles podem contar quando nenhuma outra divindade fora capaz de ajudá-los, e por isso ela é chamada de *Kali Ma*, ou seja, Kali, a mãe. Ela representa a fúria de uma mãe furiosa diante da injustiça com seus filhos.

A Índia, como grande parte dos países que compunham o chamado “Sul Global” ou antigo “Terceiro Mundo”, fora invadida por estrangeiros, tornando-se colônia de potências europeias, como Reino Unido, França, Espanha e Portugal, sendo que o Reino Unido foi o país que mais a invadiu. Neste cenário, os hindus tiveram diversas épocas difíceis, mas a época da invasão inglesa na Índia em busca das famosas especiarias com certeza foi uma das piores. O período foi marcado por fomes severas que causaram milhões de mortes, muitas vezes devido à negligência estatal e à priorização de culturas de exportação em detrimento dos alimentos básicos.

Diante dos problemas econômicos, injustiças sociais e opressão, faz todo sentido uma deusa como Kali ser chamada de mãe e ser adorada entre os hindus.

Kali representa muito mais do que uma deusa devoradora: ela é uma deusa da justiça, na verdade, ela é uma divindade que faz justiça com as próprias mãos, que é destemida como uma mãe quando defende seus filhos e que é mais poderosa que qualquer deus ou demônio. Ela é a divindade suprema em poder e representa a

polaridade ódio-amor, graças ao seu relacionamento com o deus Shiva.

Nos templos hindus, as estátuas de Kali e de Durga têm olhos grandes, pois elas são consideradas as mães que olham por todos os seus filhos. Então, eu te convido a se conectar com os poderes de Kali Ma, a poderosa deusa mãe, quando sentir a injustiça preencher a sua vida e entregar a ela a solução dos problemas que enfrenta. Como uma mãe devoradora, ela acabará com o que estiver perturbando o seu caminho e devorará também o seu ódio da situação, transformando-o em amor. Afinal, embora o ódio de Kali tenha vencido a guerra, foi o amor do deus da destruição, Shiva, que salvou a própria Kali e também o dia!

"Om Kreem Kalikayai Namah"
"Saudações à Deusa Kali"

REFERÊNCIAS

- BANSAL, Sunita Pant. Deuses e Deusas Hindus. Rio de Janeiro: Nova Era, 2008.
- BIANCHINI, Flávia. A Grande Deusa na Índia: uma breve história. Curitiba: Editora Prismas, 2016.
- ODIER, Daniel. Kali: Mitologia, Práticas Secretas e Rituais. Santo André: Presságio, 2019.



OS MUITOS NOMES DE HÉCATE:

DE RAINHA DAS SOMBRAS A GUARDIÃ DA ALMA DO MUNDO

POR ELIANE LEITE

Hécate é um nome capaz de amedrontar os mais leigos sobre o mundo das sombras. Um simples pensamento emanado à deusa grega é o suficiente para eclodir no mais íntimo do ser uma energia de força, poder e imenso respeito. No entanto, o que descobri ao me aproximar dessa deusa é que o caminho das sombras é sempre cheio de percalços e desafios, sua presença é inesperada, ela chega nos sacudindo profundamente “com tochas tremeluzindo e chaves chacoalhando”, como bem descreve Brannen (2024), como um chamado para adentrarmos ao mundo interno trevoso, mas a sua condução é sempre reveladora e protetora àqueles que a ela confiam a sua jornada.

Sua origem é bastante misteriosa.

Segundo Faur (2020), o surgimento do nome Hécate é associado à palavra egípcia “*Hekat*” ou “*Hequet*”, que significa “todo o poder”, no entanto, o arquétipo de Hécate teria surgido em mitos do sudoeste da Ásia, Mesopotâmia e Ásia Menor, já tendo ela sido descrita anteriormente em mitos pré-helênicos, como os que a mencionavam como Deusa Tríplice nos cultos da Trácia, sendo assim associada à lua negra, noite, magia, curas e profecias, como também aos mistérios da morte, renovação e nascimento.

No panteão egípcio, era considerada uma deusa menor, mas o mesmo não podia ser dito em relação ao seu poder. Hequet era soberana nas transições da vida humana, seu animal totêmico era o sapo, que

representava abundância, crescimento e nova vida. A deusa era considerada protetora das puérperas e condutora da alma após a morte.

... foi reverenciada como a padroeira do renascimento e também da germinação, fertilidade e criação, vegetal e humana. Ela representava o começo e o fim do ciclo que gerava a vida, com sua ajuda as sementes germinavam e as crianças eram geradas. Como esposa de Khnum, o deus que moldava os corpos na sua roda de oleiro, Hequet entregava o sopro da vida para o feto recém-formado, antes de colocá-lo no ventre da mãe. Assim como Hequet conduzia a entrada do espírito em uma nova vida, ela também auxiliava a transição do mundo material para o espiritual, transmutando medos e prenunciando regeneração e renascimento. (Faur, 2020)

Chegamos num ponto importante: Hécate não é a diaba decapitadora de cabeças que a maioria pensa – não só isso, pelo menos – ela é transmutadora de medos e prenuncia renascimento e regeneração, como dito acima. Por que, então, tanto medo diante desse poder? Vamos descobrir!

No panteão grego, Hécate é filha dos titãs estelares Perses e Astéria e, por isso, usa uma tiara de estrelas que ilumina a escuridão interior. Faur (2020) conta que Hécate foi a única dos titãs que manteve seu pleno poder, e por essa razão era honrada como “A primeira e a última, Aquela sem forma e de todas as formas, a própria alma do Universo, Criadora de tudo o que existia”

Hécate não integrava o grupo olímpico, mas Zeus designou um lugar especial a ela entre os deuses em razão dos seus ancestrais guerreiros, e respeitou seu poder de dar ou negar benefícios aos mortais. Perses, pai de Hécate, era representado com feições caninas e associado à destruição, o que explica a ligação de Hécate com o cão de três cabeças, Cérbero. Da deusa do céu estrelado, Astéria, Hécate herdou o dom de reger os sonhos, visões, oráculos, necromancia, profecias, astrologia e rituais noturnos.

Simbolicamente, a deusa ctônica tem natureza tríplice, sendo também representada por três mulheres juntas – jovem, madura e anciã – olhando para direções opostas ou com três cabeças e seis braços portando tochas ou, ainda, com

XXXXX

cabeças de diferentes animais.

As considerações de Faur a esse respeito são de que “ela transmitia o poder de olhar para as três direções ao mesmo tempo, o que sugeria que algo do passado estava ligado com o presente e influenciava planos futuros”. Com isso, essas três faces indicavam que Hécate tinha o poder sobre o mundo subterrâneo, a terra e o mar. Associados a esse poder estão símbolos como a chave, por ela ser a guardiã do submundo e deter os segredos da magia e da reencarnação; o chicote ou a corda trançada, mostrando o seu lado punitivo e condutora das “almas errantes”; o cordão umbilical, que a permite medir, amarrar ou soltar; e o punhal ou a foice, que representa seu poder sobre a morte e a magia.

Diante de toda essa onipotência é possível entender a veneração pela deusa, mas também pressupor em que momento a confiança foi distorcida e transformada em um medo aterrorizante.

Muitos de nós sabemos sobre a responsabilidade do patriarcado na deturpação da simbologia que integrava a era pagã, especialmente no que diz respeito aos poderes e habili-

dades femininas para a cura. Foi neste contexto que a imagem de Hécate foi distorcida, seus poderes como deusa protetora das mulheres foram associados a habilidades destrutivas, envolto da magia negra, sacrifício de animais pretos e ritos funerários. Criou-se, nesse sentido, uma visão dualista da espiritualidade, que integrava um embate constante entre o bem e mal, e Hécate tornou-se alvo favorito da personificação do mal e diretamente vinculada à imagem do demônio. “Ela foi transformada na Rainha das bruxas, responsável por atos de maldade, missas negras, desgraças, tempestades, mortes de animais, abortos, perda das colheitas e atos satânicos.”, menciona Faur (2020).

Quando a igreja cristã projetou essa imagem corrompida de Hécate nas pessoas pagãs do campo, durante o período medieval, a percepção distorcida da deusa consolidou-se na psique ocidental. Com isso, as pessoas, especialmente as mulheres que seguiam seus costumes ligados à fertilidade, eram tidas como adoradoras do demônio e foram as vítimas favoritas da inquisição, sendo perseguidas, torturadas e mortas; o mesmo aconteceu com animais associados a Hécate: cachorros e

gatos pretos, serpentes, sapos e corujas.

Segundo Faur (2020), “Hécate foi denegrada e seu culto proibido por ser a padroeira das parteiras, curandeiras, benzedeiras, videntes e xamãs, cujos poderes eram cobiçados pelos médicos e execrados pela igreja”. Para a escritora romena, as imagens terríveis associadas a Hécate “são projeções dos medos inconscientes masculinos perante os poderes ‘escuros’ da deusa, padroeira da independência feminina, defensora contra as violências e opressões das mulheres e regente dos seus rituais de proteção, transformação, autodefesa e afirmação”.

Costa e Mello (2023), citando Mclean (2020), contam que o mito mais importante dos mistérios eleusínicos, que narra o rapto de Perséfone por Hades, tem participação significativa da deusa Hécate no processo de amadurecimento de Coré (nome de Perséfone antes de ser raptada), o que revela o traço protetor da deusa ctônica em relação às mulheres. Hécate é a única que ouve os gritos de Coré e aconselha Deméter, mãe da raptada, em desespero, a buscar informações sobre a filha com o deus sol Hélios, única testemunha ocular

do rapto. Ele conta o que houve, mas é Hécate quem auxilia Deméter no resgate da filha. Ela conduz Perséfone de volta à terra, possibilitando o reencontro entre mãe e filha e o renascimento da natureza, já que Deméter, deusa da agricultura, havia tornado a terra estéril devido à profunda dor pela perda da filha. Diante disso, Zeus estabeleceu um acordo entre Hades e Deméter, pelo qual Perséfone passaria um terço do ano com a mãe e dois terços do ano com o raptor, então seu marido. Mais uma vez é Hécate quem acompanha Perséfone de volta ao submundo de Hades, onde ela permanecerá nos meses de inverno.

Com isso, Costa e Mello (2023) concluem que Hécate, auxiliando com seus métodos de iniciação, tem plena importância no desenvolvimento da maturidade de Perséfone, que, em harmonia com suas sombras, passa a reunir em si mesma os mistérios do início e do fim da vida, numa espécie de integridade espiritual. Assim como Perséfone, após o envolvimento com Hécate, emergimos de volta ao mundo tendo aprendido a reinar sobre nossa dor e mais capazes de assumir responsabilidades e receber amor e realização.

Hécate é a *Anima Mundi*, “Alma do Mundo”, e entre os muitos epítetos atribuídos a ela estão: “**Kleidoukhos**”, a guardiã das chaves de todas as coisas, do mundo cotidiano e do reino mais profundo; “**Triformis**”, a transformação, deusa tríplice, aquela capaz de ver o passado, o presente e o futuro e também retratada como a donzela, mãe e anciã; ela também é “**Drakaina**” - confesso que este é um dos meus epítetos favoritos -, serpente ou dragão capaz de despertar o nosso próprio dragão interior.

“**Enodia**” é outra qualificação de Hécate, as encruzilhadas, as quais requerem uma escolha: prosseguir na estrada rumo ao próprio submundo ou recuar pela estrada atrás de cada um de nós. “Com um zumbido profundo, a serpente da alma agita-se, e o altar vibra com potencial. Esse é o momento da encruzilhada”, explica Brannen (2024).

“**Propileu**”, o limiar, é o epíteto designado a Hécate para descrever a deusa como o portal e ao mesmo tempo a que cuida dele. Já “**Chthonia**”, a origem, é atribuído a Hécate por ser uma deusa ctônica, ou seja, que reside no mundo subterrâneo. “É a energia ctônica de Hécate

que muitas vezes se apresenta a nós quando estamos no nível mais baixo... uma indicação de que sentimos profundamente quando o nosso mundo subterrâneo interno nos chama para uma cura profunda’, Brannen (2024). “**Lampadios**”, a iluminação, é a luz das tochas que nos guia à profundidade em busca de cura.

Uma das qualificações mais incomuns de Hécate é a capacidade de comer sujeiras, portanto “**Borborophorba**”, a comedora de sujeira, alimenta-se das oferendas carnudas de nossas feridas e sombras. Já “**Skotia**”, a escuridão, é a essência da obscuridade, integra nossos interesses e desejos, é como se estivéssemos na escuridão do útero novamente, gestando aquilo que estamos nos tornando.

“**Psychopomp**”, a condutora de almas, é a habilidade da deusa de conduzir os recém-mortos para outra vida. “**Rixipyle**”, a que quebra as correntes, é a capacidade de Hécate de derrubar os portões; esse título estava descrito em “Os papiros mágicos gregos”, segundo Brannen (2024), mas na linguagem moderna “**Rixipyle**” refere-se às correntes que nos prendem, sejam normas sociais

ou ideias das sombras.

Encerro com uma linda descrição de Faur (2020) sobre o nosso mundo interno e concordando que Hécate é a guia no reino oculto da alma. “Dentro do mundo subterrâneo - representado pelo ventre fértil da terra -, a vida e a morte coexistem em um mesmo processo cíclico em que o “ser” e o “não ser” vivem juntos, sem conflito. A conexão com Hécate nos revela os sonhos guardados, os desejos ocultos, os segredos do inconsciente e revela o potencial latente para a fertilização de novas possibilidades”.



REFERÊNCIAS

- BRANNEN, Cyndi. Entrando na Caverna de Hécate: a jornada através da escuridão rumo à plenitude. 1 ed. São Paulo: Alfabeto, 2024.
- COSTA, Pamela Cristina Celentano; MELLO, Leonardo Tondato de. As várias faces de Eva: o feminino na contemporaneidade. 1. ed. Guarujá, SP: Científica Digital LTDA, 2023. e-book Disponível em: <file:///C:/Users/Eliane/Desktop/artigo%20h%C3%A9cate%20-%20livro%20as%20fases%20de%20eva.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2025.
- FAUR, Mirella. As Faces Escuras da Grande Mãe: como usar o poder da sombra na cura da mulher Lua Negra, Asteróides, Deusas. 2 ed. São Paulo: Alfabeto, 2020.

SKOLL! – EGÉSZSÉGEDRE! – चियर्स! UM (OU MAIS) BRINDE DE SANGUE PELA MITOLOGIA

POR GABRIELA SABINA

O sangue, associado à força vital, ao princípio criador e também entendido como veículo da alma, é um elemento bastante comum em várias mitologias. Está ainda associado ao Sol, ao calor, ao vermelho e às paixões.

Ele aparece nos mitos de criação, como no mito caldeu em que o sangue divino era misturado à terra para criar a vida como a conhecemos; na comunhão entre o divino e o humano, como conhecemos na religião católica, em que come-se e bebe-se o corpo de Cristo através da simbologia do pão e do vinho, assim como na Nova Zelândia, onde qualquer gota de sangue de um chefe que toque um objeto o transforma,

imediatamente, em algo sagrado; e na finalização do mal, como no mito de Kali, que exploraremos mais adiante. Neste artigo, entretanto, vamos manter nosso foco nos deuses e deusas bebedores de sangue.

Talvez o mais famoso nesse sentido seja o mito húngaro/romeno do Conde Drácula! Mas esse mito ainda tem origem mais antiga, nos **Strigoi**, mito romeno das almas inquietas e atormentadas que voltam para atacar os vivos e consumir seu sangue.

Segundo Chevalier e Gheerbrant (2000, 676), o vampiro significa o apetite de viver, mas nesse processo de satisfazer seu apetite, ele suga a substância vital de sua vítima, matan-

do-a a fim de manter-se vivo. Em algumas versões do mito, aqueles mordidos tronam-se também novos vampiros, e assim tornam-se escravos de seu próprio sangue. (Dicionário de símbolos).

Imagem semelhante ao do vampiro clássico é a do **Jiangshi**, vampiro ou zumbi chinês, um cadáver reanimado temporariamente que salta com pernas e braços duros. É dito que eles consomem o Qi (chi), a energia vital dos seres vivos, e não literalmente o sangue, mas como disse no início, o sangue é considerado o veículo da energia vital.

Outra figura com o mesmo *modus operandi* é o **Ghoul**, demônio da religião árabe pré-islâmica que consumia sangue e carne humanos. Ele assaltava cemitérios, viajantes e ruínas do deserto. Há citações sobre essas criaturas já em “As Mil e Uma Noites: “Não ignorais que as goules de um e de outro sexo são demônios errantes. Vivem geralmente nas ruínas, de onde se lançam de repente sobre os transeuntes, a quem matam e cuja carne devoram.”

No continente americano, não há relatos específicos sobre deuses ou mitos que bebiam sangue diretamen-

te, contudo, há versões do deus maia **Camazotz**, o deus-morcego, que na língua quiché significa, por similaridade, morcego da morte, uma vez que ele vive nas grutas que ligam o mundo dos vivos ao dos mortos. Em uma passagem, ele decapita um dos heróis gêmeos Hunahpu e Xbalanque. Hunahpu, ao verificar se a manhã havia chegado, teve sua cabeça cortada e usada como bola para um jogo desses morcegos. Ao que se conta, ele exigia sacrifícios de sangue para conceder desejos e proteger quem recorresse a ele, além de sentir um grande prazer com a matança de inocentes.

Na cultura Egípcia, a principal bebedora de sangue é **Sekhmet**, a deusa leoa enviada por Rá para se vingar da humanidade que conspirava contra o deus Sol. Na sua fúria para destruir o principal deus egípcio, ela bebeu o sangue de praticamente todos os humanos, num tremendo frenesi. Ao perceber o tamanho do descontrole causado, Rá tingiu as águas do Nilo com cerveja e suco de romã para que ela se embriagasse e se acalmasse.

Ainda aparece o mito de **Shezmu**, deus egípcio da prensa de uvas para obter o vinho e de sementes e oleaginosas para obtenção de óleos e

perfumes, muitos usados nas técnicas de embalsamento. Ele tem uma natureza complexa, sendo generoso em ofertar vinho para facilitar a viagem para o mundo dos mortos, mas ao mesmo tempo recebe de Osíris ordens para desmembrar os maus e prensar suas cabeças para obter o sangue deles.

No Egito antigo, havia muito essa correlação entre o vinho e o sangue, mais pela cor do que pela substância em si.

A antiga mitologia mesopotâmica nos apresenta **Lamastu**, filha de Anu e Ninursague, que se alimentava da carne e do sangue dos recém-nascidos, além de ameaçar as parturientes. A ela eram atribuídos os abortos e natimortos.

Já na mitologia hindu, **Kali** é a principal figura que envolve o consumo de sangue. Tida como uma deusa poderosa e feroz, mas não má. Ela foi criada da testa de Durga, outra deusa poderosa, para destruir o gigante Raktabija, de quem, a cada gota de sangue que chegasse ao solo, outros gigantes de igual poder surgiam. Ela bebe e se delicia com as gotas de sangue que caíam, e nesse movimento acaba por se embriagar

dessa fúria do gigante e começa, ela mesma, a destruir tudo ao seu redor. A fim de impedi-la, Shiva surge à sua frente e é pisoteado por ela, que, nesse momento, se acalma, para e percebe o que estava fazendo.

Muitos outros mitos envolvem sacrifícios de sangue, mas esse não era o objetivo desse artigo. Sacrifícios e oferendas de sangue não implicam necessariamente que os mitos que os recebessem fossem degustadores ou consumidores de tal substância.

Portanto, em memória a esses bebedores de sangue que tanto se popularizaram nas mitologias contemporâneas, **Skoll**, um brinde à sua memória!

REFERÊNCIAS

- ALAN, W Shorter. Os Deuses Egípcios Cultrix, 1993.
- BANSAL, Sunita Pant. Deuses e Deusas Hindus. Rio de Janeiro: Nova Era, 2008.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

A CIÊNCIA E O JACK LANTERNA

POR ADRIANA GONÇALVES DE FREITAS

A Modernidade desencantou o mundo da Magia, dos mitos, da religião e da Metafísica, ou ao menos tentou, e fez promessas que a Ciência resolveria os grandes dramas humanos como a fome, guerras e as doenças, mas, como bem sabemos isso não aconteceu, Ah! Acreditamos que seja importante destacar que o presente artigo não é de forma alguma uma crítica à Ciência, muito pelo contrário, reconhecemos que Ciência é essencial e importantíssima, mas, é apenas uma reflexão de que uma forma de criar conhecimento não suplementa a outra, são formas diversas e que podem somar!

Essa tal Modernidade, que trouxe a hiperespecialização das disciplinas acabou em meados do século passado, com as grandes Guerras Mundiais, que trouxeram mais fome, sofrimento e dor, e o que veio em

seguida foi denominado Pós-Modernidade, que ficou marcada por desesperança e pela absolutização do sujeito, com a qual o “eu” tornou-se mais importante que o coletivo, o que é bom, pois, o indivíduo passou a ser valorizado, dando chance para que as identidades pessoais se desenvolvessem de fato. No entanto, isso também criou individualismo e egoísmo. A Pós – Modernidade é então, repleta de números negativos: fome, guerra, desemprego, desmatamento etc.

Segundo o teólogo ecumênico Hans Kung (2003, 32), a Modernidade trouxe ciência, mas não sabedoria; tecnologia, mas não energia espiritual; indústria, mas não Consciência Ecológica; Democracia, mas nenhuma moral que fosse contra os interesses individuais ou de grupos que anseiam pelo poder. O progresso

sem limites criou a concorrência, e o consumismo capitalista trouxe crises existenciais, econômicas e ambientais que terminaram por colocar em crise a própria razão humana. O ser humano, entretanto, é um ser complexo. Que por sua necessidade de se autoexplicar e de se adaptar à Natureza cria mitos, ritos, deuses, religião. Posteriormente, cria também Filosofia e Ciência, e depois, como afirma o pensador francês Edgar Morin, deixa-se possuir por essas criações, crendo assim que foi criado por elas. Pensamos, então, que nesse jogo de “possessão” apresentado para nós por Morin, a Razão Humana que criou os mitos, a magia e a ciência, pensou também que uma coisa substituiria a outra, como, uma grande evolução. Mas não é isso que vemos acontecer, pois, ao lado do avanço tecnológico e das ciências cada vez mais fragmentadas, contemporaneamente, acontece um despertar religioso, não apenas de religiões vistas como oficiais, como também de práticas ancestrais que trazem uma visão holística do ser humano e do mundo. Temos, nesse contexto, o resgate de práticas que retomam Mitos antigos e encantamentos. A tradição mágica nos apresenta a força e o poder das palavras. Palavras escritas e recitadas

em forma de poesias, invocações e narrativas poderosas. Aqui no Brasil, de alguns anos para cá, vemos a festa de Halloween se chegando devagar. No início dos anos 2000, proliferaram-se as escolas de idiomas, sobretudo, de língua inglesa, e foi com elas que o tal “Dia das Bruxas” começou a ser comemorado, e muitas pessoas não vêm isso de forma positiva, dizendo que é uma invasão de cultura estrangeira, mas vamos analisar essa data com um pouco de carinho:

A palavra Halloween, vem do inglês arcaico e sua melhor tradução seria “véspera do dia de todos os santos”, pois acredita-se que nessa data os mortos poderiam voltar à terra por uma única noite e visitar seus queridos que deixaram aqui. Na verdade, essa é uma festa de origem Celta, denominada “Samhain”, termo que significaria “Fim do Verão”, e era celebrado com um festival com três dias de duração, de 31 de outubro a 2 de novembro. Era uma das festas agrárias desse povo, marcando o fim das colheitas; em seu calendário, era também a festa do deus dos mortos, sendo assim a oportunidade de fazer memória dos entes familiares falecidos. Uma mesa com as comidas preferidas daqueles que já haviam partido

para o outro plano era montada do lado de fora da casa, no entendimento que os falecidos viriam participar dos festejos. Muito parecido, aliás, com “*Lo día de los muertos*”, celebrado até hoje no México.

Imigrantes irlandeses, ao saírem de sua terra em busca de melhores condições de vida, atravessaram o oceano e chegaram às Américas, principalmente nos Estados Unidos e Canadá, e levaram com eles suas tradições e costumes, que a essa altura misturavam tradições ditas “pagãs” com as do cristianismo. A cristianização desses costumes separou as datas desse festival em Dia de Todos os Santos (1º de novembro) e Dia dos Finados (2 de novembro), e o dia 31 ficou conhecido como o famigerado Halloween, ou o Dia das Bruxas, meio que encoberto de mistério e de tanto de preconceito também por celebrar, sobretudo, a memória de mulheres que foram consideradas bruxas e mortas pela inquisição, como, é o caso icônico de Salém, nos Estados Unidos. Tanto que a famosa abóbora do Halloween nada mais é que uma lanterna para trazer luz e proteção:

Há muito tempo, um homem chamado Jack, malandro e esperto como ele só,

convidou o Diabo, que viera em busca de sua alma, para uma noite de bebedeira, assim como uma despedida. Como Jack não tinha como pagar a conta, pediu ao Diabo que se transformasse em uma moeda, assim que o segundo se transformou em dinheiro, Jack o guardou no bolso, junto à uma cruz de prata, o que o deixava fraco, e só o soltou quando o Diabo prometeu-lhe conceder mais um ano de vida. Assim foi, e quando passou um ano, o Diabo voltou para levar a alma de Jack, mas Jack não se dava por vencido e por mais duas vezes enganou o Diabo, que, por fim, prometeu deixá-lo em paz pelos próximos dez anos. Logo depois disso, em uma noite de outono, Jack bebeu tanto que acabou morrendo e, como pode-se pensar, não foi aceito no céu, mas tampouco no inferno. A alma de Jack passou a vagar pelo mundo com apenas uma queima de carvão, que ele colocou dentro de uma lanterna esculpida em um nabo. E dizem que até hoje ele vaga pelas noites escuras ajudando as almas a encontrar seu caminho.

Essa é a história de Jack Lanterna. Os imigrantes irlandeses, ao chegarem às Américas, perceberam que seria muito mais fácil esculpir a lanterna nas abóboras, por isso nosso Jack ficou também conhecido como Jack

Cabeça de Abóbora. E a questão é que os mitos nunca morrem, são ressignificados ao longo dos tempos, pois nós, humanos, precisamos dessas histórias para nos compreendermos mais e melhor, tanto quanto precisamos de Ciência, do pão e da Filosofia.

REFERÊNCIAS

- KUNG, Hans. Projeto de ética mundial. 4 ed. São Paulo: Paulinas; 2003.
- MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 10 ed. São Paulo: Cortez/ UNESCO; 2005.
- SITE:
<https://www.todamateria.com.br/historia-do-halloween/> -Acesso em 22/10/2025.



MITOLOGIA DOS SIGNOS

PEIXES, ÁRIES E TOURO

POR ANDRÉIA CAPRARO

Mitologia do Signo de Peixes

Peixes, o décimo segundo e último signo do zodíaco, abrange o período de 19 de fevereiro a 20 de março. Representado por dois peixes nadando em direções opostas, este signo é regido por Netuno, o planeta da intuição, da espiritualidade e da imaginação. A mitologia que envolve Peixes é rica e profunda, refletindo temas sobre empatia, sensibilidade e conexão com o inconsciente.

Características de Peixes

Os indivíduos nascidos sob o signo de Peixes são frequentemente descritos como sonhadores, intuitivos e altamente sensíveis. Eles possuem uma natureza empática, o que lhes permite se conectar profundamente com os sentimentos e as emoções dos outros. Essa empatia é uma das características mais marcantes dos

piscianos, que muitas vezes são vistos como cuidadores e protetores naturais, prontos para oferecer apoio e compreensão.

A sensibilidade de Peixes, embora possa ser uma grande força, também pode torná-los vulneráveis. Piscianos podem ser facilmente afetados pelas emoções ao seu redor e, em alguns casos, podem sentir-se sobrecarregados por essas influências. Essa natureza emotiva pode fazer com que eles se retirem em busca de escapismo, seja através da arte, da música, da meditação ou de outros meios criativos. A busca por um refúgio emocional é uma parte importante da experiência pisciana, permitindo que eles processem suas emoções e encontrem um sentido de paz interior.

Outra característica fundamental de Peixes é a sua criatividade. Os

piscianos são frequentemente dotados de uma imaginação vívida e uma capacidade de ver o mundo de maneira única. Essa criatividade se manifesta em várias formas de expressão artística, como pintura, escrita, música e dança. A arte é uma maneira vital para os piscianos expressarem suas emoções e experiências, permitindo-lhes conectar-se com os outros em um nível mais profundo.

Abordagens e Relevâncias

A mitologia de Peixes está frequentemente associada à história de Afrodite e Eros, que, na mitologia grega, se transformaram em peixes para escapar de Tifão, um monstro que ameaçava destruí-los. Para evitar serem capturados, eles se amarraram juntos e se lançaram ao mar, simbolizando a necessidade de união e proteção em tempos de crise. Essa história reflete a natureza solidária e protetora de Peixes, bem como sua busca por conexão e segurança emocional.

Netuno, o regente de Peixes, é o deus dos mares e simboliza a intuição, a espiritualidade e a inspiração. Essa conexão com Netuno enfatiza a busca pisciana por signifi-

cado mais profundo e a necessidade de se conectar com o universo em um nível espiritual. Os piscianos muitas vezes têm uma forte inclinação para explorar questões espirituais e filosóficas, buscando entender seu lugar no mundo e a natureza da existência.

A relevância de Peixes vai além de suas características individuais; o signo representa a totalidade do zodíaco, simbolizando o encerramento de um ciclo e a preparação para um novo começo. Os piscianos são muitas vezes vistos como a ponte entre o mundo material e o espiritual, possibilitando a integração de experiências e lições aprendidas ao longo da jornada do zodíaco. Essa capacidade de compreender a interconexão de todas as coisas torna os piscianos valiosos em papéis que envolvem cura, aconselhamento e apoio espiritual.

Além disso, Peixes é um signo que valoriza a compaixão e a solidariedade. Os piscianos tendem a se envolver em causas humanitárias, buscando ajudar aqueles que estão em necessidade. Essa preocupação com o bem-estar dos outros é uma parte essencial da identidade pisciana, refletindo seu desejo de criar um

mundo mais amoroso e compreensivo.

Conclusão

A mitologia do signo de Peixes reflete a busca por conexão, empatia e espiritualidade. Com suas associações com Afrodite e Eros, assim como a influência de Netuno, Peixes simboliza a jornada de compreensão e integração emocional, tanto individual quanto coletiva. Os piscianos, com sua sensibilidade e criatividade, desempenham um papel fundamental na dinâmica do zodíaco, inspirando os outros a abraçar suas emoções e a buscar um propósito mais elevado.

Mitologia do Signo de Áries

Áries, o primeiro signo do zodíaco, abrange o período de 21 de março a 19 de abril. Representado pelo carneiro, este signo é regido por Marte, o planeta da guerra e da ação. A mitologia que envolve Áries é rica e dinâmica, refletindo temas sobre liderança, coragem e a busca por novos começos.

Características de Áries

Os indivíduos nascidos sob o signo de Áries são frequentemente descri-

tos como enérgicos, impulsivos e determinados. Eles possuem uma natureza audaciosa e são conhecidos por sua habilidade em iniciar projetos e empreendimentos. A energia de Áries é contagiante, e os arianos têm uma capacidade notável de inspirar e motivar os outros a seguir suas paixões.

Uma das características mais marcantes de Áries é sua coragem. Os arianos são frequentemente vistos como pioneiros, prontos para enfrentar desafios e correr riscos em busca de seus objetivos. Essa vontade de agir e de se aventurar pode levá-los a se destacarem em papéis de liderança, em que sua capacidade de tomar decisões rápidas e assertivas é uma grande vantagem.

No entanto, essa impulsividade também pode ser uma fraqueza. A natureza competitiva e a necessidade de ser o primeiro muitas vezes fazem com que os arianos ajam sem pensar nas consequências. Essa abordagem direta pode resultar em conflitos e mal-entendidos, especialmente em situações nas quais a diplomacia é necessária.

Além disso, os nativos de Áries são conhecidos por sua autenticidade e

honestidade. Eles tendem a ser diretos em suas comunicações e não têm medo de expressar suas opiniões. Essa franqueza é admirada por muitos, mas também pode ser percebida como falta de tato em algumas situações sociais.

Abordagens e Relevâncias

A mitologia associada a Áries está frequentemente ligada à figura de Júpiter e ao mito do carneiro de ouro, que desempenhou um papel crucial na história de Jasão e os Argonautas. Na mitologia grega, o carneiro de ouro foi enviado por Hermes para resgatar Frixos e Hele, filhos de Atamas. Frixos montou no carneiro e, ao chegar a Colchis, sacrificou-o a Zeus, oferecendo seu coração a ele. A pele do carneiro de ouro se tornou um símbolo de riqueza e conquistas, refletindo a busca de Áries por sucesso e reconhecimento.

Marte, o regente de Áries, é o deus da guerra e da ação. Essa associação simboliza a energia e a determinação inerentes aos arianos. A influência de Marte confere a eles não apenas coragem, mas também uma forte vontade de lutar pelo que acreditam. Essa combinação de características torna Áries um signo associado à luta

pela justiça e à defesa de princípios.

A relevância de Áries se estende além de suas características individuais; ele representa o início de um novo ciclo no zodíaco. Como o primeiro signo, Áries simboliza o potencial de novos começos e a energia necessária para iniciar projetos e empreendimentos. Essa capacidade de iniciar algo novo é uma força poderosa que pode levar a grandes inovações e mudanças.

Além disso, Áries é um signo que valoriza a liberdade e a independência. Os arianos muitas vezes buscam caminhos que lhes permitam expressar sua individualidade e seguir seus próprios instintos. Essa busca pela liberdade é uma característica central que os impulsiona a explorar novas oportunidades e a se aventurar em direção ao desconhecido.

Conclusão

A mitologia do signo de Áries reflete a busca por liderança, coragem e novos começos. Com suas associações com o carneiro de ouro e a influência de Marte, Áries simboliza a jornada de autodescoberta e a capacidade de agir com determinação e paixão. Os arianos desempenham

um papel vital na dinâmica do zodíaco, inspirando os outros a abraçar sua própria autenticidade e a seguir seus sonhos com bravura.

Mitologia do Signo de Touro

Touro, o segundo signo do zodíaco, abrange o período de 20 de abril a 20 de maio. Representado pelo touro, este signo é regido por Vênus, o planeta do amor, da beleza e da abundância. A mitologia que envolve Touro é rica em simbolismo, refletindo temas sobre estabilidade, sensualidade e valores materiais.

Características de Touro

Os indivíduos nascidos sob o signo de Touro são frequentemente descritos como práticos, determinados e sensuais. Eles têm uma forte conexão com o mundo material e tendem a valorizar a segurança e a estabilidade em suas vidas. Essa busca por segurança financeira e emocional faz de Touro um signo altamente confiável, que valoriza a lealdade e o comprometimento nas relações.

Uma das características mais marcantes de Touro é sua persistência. Os taurinos são conhecidos por

sua habilidade de se concentrar em seus objetivos e por sua determinação em alcançá-los. Essa tenacidade os ajuda a superar desafios e a construir uma base sólida para suas vidas, tanto pessoal quanto profissionalmente.

Outra característica fundamental de Touro é a apreciação estética e sensorial. Regido por Vênus, os taurinos têm um gosto apurado para a beleza, seja na arte, na música, na natureza ou na gastronomia. Eles tendem a buscar experiências que envolvam os sentidos, valorizando momentos de prazer e conforto. Essa busca por prazer pode se manifestar em hobbies como culinária, jardinagem, moda e decoração.

No entanto, a natureza teimosa de Touro pode ser uma fraqueza. Os taurinos podem se apegar a suas opiniões e ideias, resistindo a mudanças e novas perspectivas. Essa rigidez pode levar a conflitos em relacionamentos e situações em que a flexibilidade é necessária.

Abordagens e Relevâncias

A mitologia associada a Touro está frequentemente ligada à história de

Zeus e Europa. Na mitologia grega, Zeus se disfarçou de um belo touro para atrair Europa, uma princesa fenícia. Quando ela subiu em suas costas, Zeus a levou para a ilha de Creta, onde se revelou como o deus supremo. Essa história simboliza a busca por beleza e amor, além da conexão com o mundo natural. O touro, como símbolo de força e fertilidade, representa a abundância e a nutrição, características associadas ao signo de Touro.

A influência de Vênus sobre Touro enfatiza a importância do amor e da beleza na vida dos taurinos. Essa conexão faz com que os taurinos sejam frequentemente atraídos por relacionamentos românticos e experiências sensoriais que proporcionem prazer e satisfação. Eles têm um talento natural para criar ambientes agradáveis e acolhedores, refletindo sua apreciação pela estética.

A relevância de Touro estende-se além de suas características individuais; ele representa a necessidade de estabilidade e segurança em um mundo muitas vezes caótico. Os taurinos são frequentemente vistos como pilares de força em suas famílias e comunidades, oferecendo

apoio e conforto àqueles ao seu redor. Essa capacidade de proporcionar um senso de segurança é uma das contribuições mais valiosas de Touro para a dinâmica do zodíaco.

Além disso, Touro é um signo que valoriza a paciência e a perseverança. Os taurinos compreendem que grandes conquistas requerem tempo e esforço, e eles estão dispostos a trabalhar arduamente para alcançar seus objetivos. Essa abordagem prática e realista os torna eficazes em suas profissões e em suas vidas pessoais, ajudando-os a construir uma base sólida para o futuro.

Conclusão

A mitologia do signo de Touro reflete a busca por estabilidade, beleza e prazer. Com suas associações com a história de Zeus e Europa e a influência de Vênus, Touro simboliza a jornada de construção e apreciação do mundo material e das relações humanas. Os taurinos, com sua determinação e amor pela vida, desempenham um papel essencial na dinâmica do zodíaco, inspirando os outros a valorizar a beleza e a segurança em suas próprias vidas.

REFERÊNCIAS

- GUTTMAN, Ariel; JOHNSON, Kenneth; VIDILI, Júlia (tradutor) - Astrologia & Mitologia: Seus Arquétipos e a Linguagem dos Símbolos. São Paulo: Ed. Madras. 2005.
- HAND, Robert - Os Signos do Zodíaco. São Paulo: Pensamento. 2020.
- SICURETI, Roberto - Astrologia e Mito. São Paulo: Ed. Pensamento. 1994.





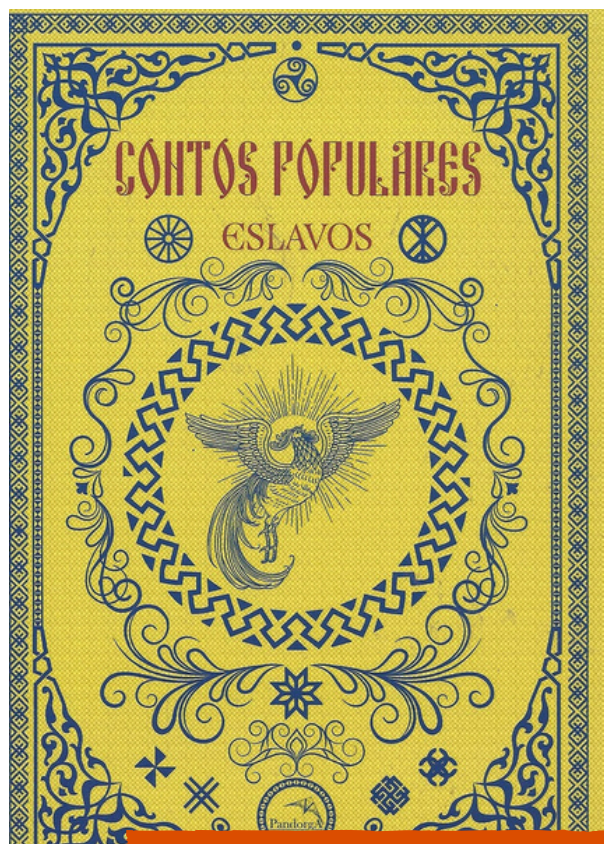
LIVRO: CONTOS POPULARES ESLAVOS ORG.: JULIANA GARCIA / VÁRIOS AUTORES

POR KESLLER CAMPOS

A mitologia, o folclore e a religião constituem algumas das vias mais fecundas para a compreensão da complexidade de uma cultura e de um povo. Contos Populares Eslavos, publicado pela editora Pandorga, apresenta-se como uma leitura particularmente relevante para aqueles que desejam adentrar o universo simbólico das tradições eslavas por meio de suas narrativas orais.

O volume reúne, de forma criteriosa, dezessete contos e superstições, acompanhados de informações introdutórias sobre o alfabeto cirílico e de uma breve bibliografia, elementos que favorecem não apenas a contextualização do leitor, mas também a ampliação e a continuidade da pesquisa sobre o tema.

O universo mágico desses contos conduz o leitor por aventuras encantadas, estruturadas a partir de ensinamentos morais e densas configurações simbólicas.



A tradução preserva o tom oral característico dos contadores de histórias, permitindo uma imersão fluida nesse vasto arcabouço imaginativo que sustenta a tradição narrativa eslava.

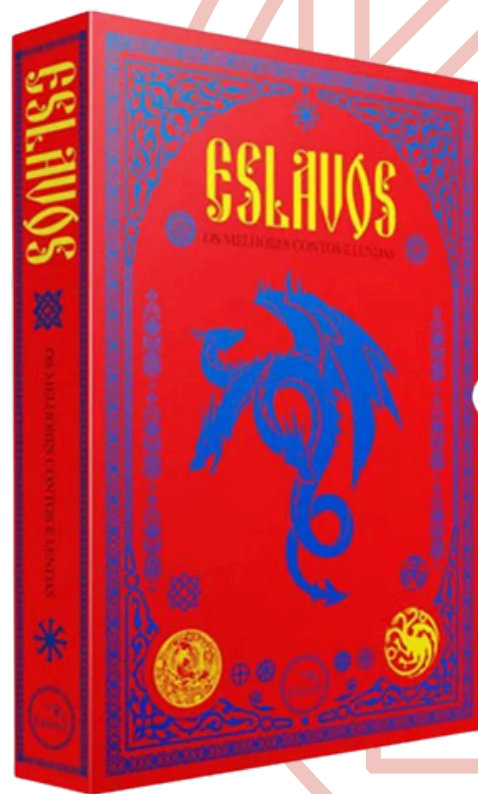
Ao longo das histórias, emergem criaturas enigmáticas, provas iniciáticas, experiências de morte e renascimento, bem como a constante intervenção de seres mágicos. Príncipes e princesas dotados de atributos xamânicos surgem com



frequência, assim como animais encantados que concedem dádivas ao herói e o auxiliam em jornadas aparentemente impossíveis, reforçando a dimensão ritual e simbólica da travessia.

A presença do feminino manifesta-se de maneira ambígua simultaneamente sedutora e ameaçadora, desafiando a lógica do herói e ampliando as possibilidades de transformação simbólica dos contos. Esse conjunto de elementos confere à obra uma densidade significativa, tornando-a uma contribuição valiosa para o estudo do imaginário, da tradição oral e da cultura eslava.

Dessa forma, Contos Populares Eslavos não apenas apresenta narrativas maravilhosas, mas oferece um mergulho profundo no imaginário coletivo de um povo. Ao articular oralidade, simbolismo e tradição, a obra reafirma a relevância dos contos populares como formas vivas de conhecimento narrativo que, embora enraizadas em tempos distantes, continuam a ecoar de maneira profunda na experiência humana, enriquecendo a imaginação e o mundo simbólico.



A OBRA FAZ PARTE DO BOX
“ESLAVOS: OS MELHORES
CONTOS E LENDAS”, DA
EDITORA PANDORGA.



Tema: Wild Hunt e o Metal que celebra a ancestralidade e a mitologia do Brasil

POR LUIS RIBEIRO – HELLYEAH!

A mitologia brasileira carrega uma força ancestral que nasce do encontro entre matrizes indígenas, africanas e europeias, formando um imaginário singular, vivo e em constante transformação. Longe de existir de maneira isolada, esse universo simbólico dialoga diretamente com as grandes mitologias do mundo, partilhando arquétipos, narrativas de origem, figuras liminares e forças da natureza, que atravessam culturas e épocas.

Ao mesmo tempo em que se reconhece nesses mitos universais, o folclore brasileiro ressignifica essas estruturas a partir de sua própria realidade histórica, social e espiritual, criando narrativas atemporais capazes de preservar identidades e de inspirar artistas e movimentos culturais além de suas fronteiras. Nesse fluxo de trocas, a mitologia do Brasil deixa de ser uma herança local e passa a ocupar um espaço de influência global, encontrando na música um espaço absolutamente prolífico para amplificar seus símbolos, conflitos e encantamentos.



Foto: Divulgação

Dentro desse contexto, a Wild Hunt surge como um exemplo contundente de banda que encontra na mitologia e na cultura do próprio povo a matéria-prima para a construção de sua identidade artística. Em seus primeiros passos, o grupo dialogava de forma mais direta com a mitologia universal, explorando arquétipos e narrativas amplamente reconhecidas no imaginário coletivo do Metal. Com o amadurecimento artístico e conceitual, porém, essa referência inicial

VITROLA DE ORFEU



passou a ser reinterpretada a partir de um olhar cada vez mais brasileiro, incorporando símbolos, histórias e atmosferas ligadas ao nosso folclore e às nossas tradições. Esse movimento não representa necessariamente uma ruptura, mas uma evolução natural, onde a **Wild Hunt** passa a utilizar a mitologia universal como espelho, enquanto finca suas raízes na experiência cultural brasileira, transformando esse encontro em uma obra que soa autêntica e profundamente conectada à realidade simbólica do país.

Esse processo de amadurecimento se materializa de forma clara na própria trajetória da Wild Hunt. Com quase duas décadas de história, a banda construiu uma identidade singular ao abordar **fantasia, mitologia e história** a partir do passado ancestral brasileiro, reposicionando o imaginário épico do metal sob uma ótica sul-americana. Musicalmente, essa visão se traduz em uma fusão de Black, Thrash e Heavy Metal, atravessada por melodias de caráter épico e folclórico, dando origem a uma estética definida como “borduna e feitiçaria”, uma adaptação brasileira do clássico conceito de “sword and

sorcery”. Ainda que dialogue com referências fundamentais do metal extremo e épico, como Skyclad, Cruachan, Bathory, Grave Digger, Celtic Frost, Immortal, Coroner, Hollenthon, Borknagar, Suidakra e Adorned Brood, a Wild Hunt amplia esse repertório ao incorporar o rock psicodélico brasileiro dos anos 1970 e diversas influências da música nacional, reforçando seu compromisso com uma identidade enraizada no território e na memória cultural do país. Até mesmo o nome da banda, inspirado no mito europeu da “Caçada Selvagem”, imortalizado na icônica capa de Blood Fire Death, do Bathory, passa a funcionar como um ponto de partida simbólico para uma releitura que vai além do Velho Mundo, conferindo à obra um caráter ao mesmo tempo misterioso e fascinante.

Idealizada por Fábio Laporte em 2008, em Aracaju-SE, a Wild Hunt ganhou forma definitiva apenas em 2018, já estabelecida em Brasília, com o lançamento do EP “**Awakening of the Wild Spirits**”, inspirado na HQ “Sláine”. Em 2021, atuando como duo ao lado de Josaphar Chrisóstomo, o grupo aprofundou esse diálogo entre mitologias ao lançar “**Hy Breasail**”,

VITROLA DE ORFEU



obra que projeta um Brasil mítico a partir de referências do folclore celta e da lendária viagem de São Brandão, evidenciando o caráter híbrido e transcultural de sua proposta. Com a consolidação da formação completa, a banda passou a ocupar espaços de destaque em eventos como o Fest Rock Brasília 2024 e as seletivas do Porão do Rock 2025, firmando seu nome no cenário nacional pela sonoridade e conceito que sustenta sua obra.

Agora em processo de criação do álbum “Enthroned Serigy”, a Wild Hunt dá um passo ainda mais decidido em direção a um paganismo brasileiro voltado às mitologias, guerras, valores e narrativas sul-americanas, temas historicamente marginalizados dentro do metal. Ao reivindicar essas histórias como matéria prima legítima, a banda propõe um deslocamento simbólico importante, afirmando que a cultura do próprio continente é tão grandiosa, feroz e inspiradora quanto qualquer saga europeia. Nesse sentido, olhar para as próprias raízes não é apenas um gesto de identidade, mas uma expansão criativa que amplia o imaginário do

metal contemporâneo e reafirma o Brasil como um território fértil de mitos, símbolos e narrativas ancestrais.

No EP de estreia, “**Awakening of the Wild Spirits**”, a Wild Hunt apresenta de forma embrionária os pilares mitológicos que sustentariam toda a sua obra futura, ainda que filtrados majoritariamente por referências da mitologia universal. As letras referenciam arquétipos ancestrais recorrentes em diversas tradições, como o chamado dos espíritos selvagens e o despertar da consciência (“Awakening of the Wild Spirits”), a rebelião ritualizada e o espírito guerreiro coletivo (“Savage Rebel”), a ambiguidade da Grande Deusa, que é



Foto: Divulgação
Wild Hunt

VITROLA DE ORFEU



ao mesmo tempo mãe, irmã, amante e força destruidora, como figura presente em mitologias indo-europeias e pagãs (“Mother Sister Lover”), além das jornadas de culpa, redenção e aceitação do próprio “traidor interno” (“Glade Gathering”), representando mitos de iniciação e reconciliação com a sombra. Em “Sword”, a força bruta cede lugar à astúcia, retomando arquétipos da transição do poder físico para o intelectual, enquanto “The High Palace” encerra o EP com uma clara narrativa de ascensão espiritual, atravessando provas, morte simbólica e iluminação, temas centrais em mitos heroicos de diferentes culturas. Mesmo antes de assumir plenamente uma perspectiva brasileira, o EP revela a Wild Hunt em diálogo direto com estruturas mitológicas universais, utilizando o metal como veículo ritualístico para revisitar ciclos de despertar, conflito, transformação e transcendência.

Em seu álbum “Hy Breasail”, a Wild Hunt aprofunda de maneira decisiva o diálogo entre mitologia universal e imaginário indígena brasileiro, transformando o disco em um verdadeiro exercício de mitopoética transcu-

ltural. As faixas “Hy Breasail” e “Vessels” (Com participação de Bruno Maia, do Tuatha de Danann), partem do mito medieval irlandês da ilha de Hy Breasail, descrita no folclore celta como uma ilha da fortuna, envolta em névoas, repleta de abundância e rios de leite, visível apenas em raras ocasiões no horizonte. Considerada por alguns estudiosos como uma possível origem etimológica do nome Brasil, essa ilha mítica serve de ponto de partida para uma inversão simbólica poderosa, onde o álbum sugere que o que os irlandeses viam como um paraíso distante poderia, na verdade, ser um eco distorcido das terras do Novo Mundo e de seus povos encantados. Assim, o Brasil ancestral e seus habitantes indígenas passam a ocupar o lugar de fonte primordial do mito europeu, reposicionando a narrativa colonial e atribuindo centralidade à cosmovisão nativa como geradora, e não receptora, de imaginários míticos.

Esse deslocamento ganha contornos ainda mais profundos em “Clash of Worlds”, faixa que dialoga diretamente com o mito tupinambá do fim dos tempos. Para esse povo, a Estrela D’Alva era compreendida como uma onça celeste que perseguia a Lua, e os

VITROLA DE ORFEU



eclipses representavam o momento em que a onça finalmente a alcançava e a mordia. No apocalipse definitivo, a Lua seria completamente devorada, encerrando o ciclo do mundo. A Wild Hunt reinterpreta esse mito a partir da perspectiva de um caraíba em tempos medievais que, ao entrar em contato com navegantes irlandeses, têm uma visão profética do futuro, com a chegada de outros homens pelo mar e o extermínio dos povos originários. A onça que devora a Lua deixa de ser apenas um evento cósmico e passa a simbolizar o choque irreversível entre mundos, antecipando o colapso cultural e espiritual imposto pela colonização, imagem que reaparece de forma explícita na capa de “Enthroned Serigy”, com a figura da onça consumindo a Lua no céu.

Já em “A Heart of Gold”, a banda mergulha diretamente no folclore brasileiro ao evocar a Mãe do Ouro, figura lendária de Minas Gerais associada às riquezas subterrâneas e aos perigos da cobiça. Tradicionalmente descrita como uma esfera de fogo que se transforma em uma bela mulher loira, a Mãe do Ouro seduz exploradores, conduzindo-os às

minas, onde são aprisionados ou desaparecem, enquanto suas famílias são deixadas à própria sorte. Na leitura da Wild Hunt, essa entidade assume contornos de guardiã vingativa da terra, punindo a exploração predatória e o desequilíbrio causado pela ambição humana. Grande parte dessas construções simbólicas dialoga diretamente com o livro “Meu Destino é Ser Onça”, de Alberto Mussa, obra fundamental na reconstrução do mito tupinambá e na compreensão da onça como eixo central da cosmologia indígena. Incorporando essas referências, “Hy Breasail” se afirma como um manifesto artístico que reivindica a mitologia brasileira como fonte legítima de épica, tragédia e transcendência dentro do metal.

Dando sequência natural à narrativa da banda, o lançamento do single “Dilúvio” marca o início de uma nova etapa na trajetória da Wild Hunt, consolidando a busca por uma identidade musical que alia intensidade extrema do metal, melodias épicas e uma imersão ainda mais profunda nas raízes ancestrais brasileiras. O single funciona como uma ponte entre o passado mítico da banda e o conceito que irá nortear seu

VITROLA DE ORFEU



terceiro álbum de estúdio, centrado na resistência indígena à colonização portuguesa e na valorização de narrativas tupis pouco exploradas no metal contemporâneo. Com **“Dilúvio”**, a Wild Hunt reafirma seu compromisso de transformar o metal em um veículo ritualístico e pedagógico, capaz de dialogar com a história, o folclore e os mitos do Brasil.

A faixa, inspirada no mito tupinambá do dilúvio, recria uma das grandes narrativas de origem dos povos do litoral brasileiro. No mito, uma catástrofe hídrica é provocada por Tamanduaré, filho da divindade Maíra, após um conflito com seu irmão Guaricuité, destruindo o mundo e deixando apenas os dois sobreviventes, que se refugiam no topo das árvores. Ao final, cada irmão torna-se ancestral de um povo distinto, os Tupinambá e os Tobajara, explicando a rivalidade histórica e a lógica de vingança sagrada que estruturava a vida em Pindorama, nome dado pelos tupi à “terra das palmeiras”.

Ao longo de sua trajetória, a Wild Hunt se consolidou como um

exemplo singular de como o metal pode servir como instrumento de preservação e valorização da mitologia e do folclore brasileiro, reinterpretando mitos universais sob a perspectiva de nossas tradições e ancestralidade. Do EP “Awakening of the Wild Spirits”, passando pelo álbum “Hy Breasail” e chegando ao novo single “Dilúvio”, a banda demonstra que história, mitos e folclore não são apenas inspiração, mas matéria viva capaz de atravessar gerações e culturas, traduzida em música extrema, épica e profundamente ritualística. Com sua formação atual, contando com Fábio Laporte nos vocais e flauta transversal, Addam Lopes no baixo e backing vocals, Josaphar Chrisóstomo na guitarra e Renan Costa na bateria, a Wild Hunt segue reafirmando que o Brasil é um berço criativo para a criação de épicos contemporâneos, onde ancestralidade, resistência e criatividade caminham lado a lado.

HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



HISTÓRIA: O Negrinho do Pastoreio

CONTADOR: Luiz Júnior

Região do país: Sul, notadamente nos pampas gaúchos

Origem: Brasil, com elementos afros e cristão

Este personagem é muito famoso (junto com suas histórias) pelo Sul do Brasil, cuja lenda foi contada por escritores como Luís da Câmara Cascudo, Alberto Coelho da Cunha e Apolinário Porto Alegre. Um fazendeiro, ainda na época da escravidão, era muito mau. Ninguém gostava dele, nem ele gostava de ninguém, exceto três coisas: seu filho, um menino mole e magro como uma mosca; um cavalo de raça que era seu baio favorito; e um menino preto a quem todos chamavam Negrinho, e que por não ter nome nem madrinha, se dizia afilhado de Nossa Senhora Aparecida. Negrinho ajudava o fazendeiro em tudo, e, certo dia, o fazendeiro pediu para que ele juntasse alguns cavalos que estavam pastando por aí. Negrinho o fez, porém, esqueceu o portão aberto – e os cavalos fugiram. Outra versão é contada por Câmara Cascudo. Segundo ele, o cavalo favorito do

fazendeiro foi desafiado por outro fazendeiro, que cavalgava um cavalo mouro. Negrinho conduziu o baio do fazendeiro, porém perdeu a contenda. Punido severamente, o fazendeiro ainda o mandou buscar os cavalos, o que Negrinho fez com prudência e celeridade. Porém, o filho do fazendeiro, muito enciumado do menino, soltou os cavalos e os afugentou.

Mas o final da história é o mesmo: maldoso, o fazendeiro castigou duramente Negrinho, dando-lhe centenas de chibatadas, até que a carne se mostrasse e o sangue escorresse por todo o seu corpo. Não satisfeito, o fazendeiro atirou Negrinho em cima de um grande formigueiro.

Mas não dissemos que o menino era afilhado da nossa padroeira? Pois ele clama por sua ajuda, e ela o socorre. No dia seguinte, julgando que o menino já estivesse morto, qual não foi o susto quando o fazendeiro o viu completamente saudável, vivo e mais: montava seu cavalo baio, e, atrás de si, estavam todos os cavalos desaparecidos no dia anterior. Ao seu lado, brilhando como a luz do sol,

HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



estava a própria Virgem. O fazendeiro cai de joelhos pedindo perdão pelo seu crime, e o Negrinho sai em disparada pelos pastoreios do Sul.

Muitos dizem vê-lo até hoje pelos pampas. Quando o veem, acendem uma vela para que ele sempre esteja disposto a ajudá-los. E sempre que perdem algum objeto, pedem para que o Negrinho do Pastoreio os ajude a encontrar.

PARA SABER MAIS:

- SITE: <https://www.todamateria.com.br/negrinho-do-pastoreio/>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Negrinho_do_Pastoreio
- CASCUDO, Luís da Câmara. Lendas Brasileiras. São Paulo: Global, 2003.





FILME DE ANIMAÇÃO: Mahavatar Narsimha

DIRETOR: Ashwin Kumar / ESCRITO POR: Jayapurna Das

POR LARISSA DIAS

A Netflix sempre me surpreendeu pela diversidade cultural em seus filmes, mas, desta vez, confesso que fiquei muito bem impressionada por ela disponibilizar um filme tão profundo!

A religião hindu é baseada em histórias míticas contadas nos *Devas*, nos *Puranas* e nos épicos como o *Mahabharata* e o *Ramayana*. Em muitas dessas passagens, é justamente sobre Vishnu que as histórias falam, e em Mahavatar Narsimha não foi diferente.

Os hindus entendem o universo separado em três energias primordiais masculinas, cada uma delas com suas consortes femininas: Brahma, o deus criador; Vishnu, o deus mantenedor; e Shiva, o deus destruidor. Que as demais divindades me perdoem, mas Vishnu sempre foi meu preferido, ainda mais porque, para manter o universo em pleno funcionamento harmônico, ele já apareceu sob a pele de diversos avatares, que são várias formas diferentes nas



FOTO: DIVULGAÇÃO

quais se manifesta em momentos cruciais.

A animação trata do avatar *Narsimha*, o homem-leão, e também do avatar *Varaha*, o javali. Claramente, é um filme de cunho devocional, que a Netflix trouxe no idioma original, hindi, até para que o mantra repetido pelo personagem queridinho de Vishnu não tivesse alteração sonora. Mantras são repetições de palavras sagradas que têm poder tanto nas palavras quanto na entonação delas.



Preparem-se, porque agora vem uma série de *spoilers*! Então, já vejam, antes de ler essa resenha - a animação vale muito a pena!

O filme começa com a transgressão de uma mulher que decidiu deitar-se com o marido na hora sagrada, uma hora destinada à meditação e às orações. Pela transgressão, ela engravida e dá à luz dois demônios extremamente poderosos, ou rakshasas, que crescem sendo influenciados por um sacerdote do mal com intenções terríveis que os faz acreditar que Vishnu é seu inimigo. Eles querem vencê-lo em força e em coragem a qualquer custo, o que leva ao andamento da trama.

Os dois irmãos destroem a cidade dos devotos, e tudo piora quando um dos irmãos, chamado *Hiranyaksha*, rapta a Deusa da Terra para provocar o deus mantenedor. É nesse momento que surge o avatar Varaha, o javali, que luta com o demônio para salvar a deusa, matando-o em uma luta avassaladora. Aliás, as cenas da Deusa da Terra são umas das mais graciosas de toda a animação, inclusive porque muitos hindus acreditam que foi desse episódio que

surgiram as cordilheiras do Himalaia — um deleite para os olhos, que chega a emocionar em beleza e graça.

Após esse episódio, o irmão que ficou, *Hiranyakashipu*, declara guerra efetiva contra Vishnu e faz uma penitência de muitos anos, decidindo tornar-se um deus. Brahma, diante do sacrifício descomunal, fica sem opção a não ser dar a ele o poder divino — coisa que também acontece em outro épico, o Ramayana, que faz surgir Rama, outro avatar de Vishnu.

Com poderes de um deus, o demônio decide acabar com os devotos de Vishnu e instaurar o seu reinado, oprimindo seres humanos, demônios e os deuses, chamando Vishnu de covarde por se recusar a lutar com ele.

Mas a verdadeira saga começa quando Hiranyakashipu tem seu filho, *Prahlad*. Quando sua esposa estava grávida, ele estava tomado de vingança e a abandonou para fazer o sacrifício de se tornar um deus. O deus Indra, revoltado com a ousadia dos demônios e sabendo que um deles ia gerar um filho, foi matar sua esposa, mas foi impedido, e, por isso,



ela se devotou secretamente a Vishnu. O filho que estava em seu ventre se tornou, assim, devoto de Vishnu.

Na história, a pequena criança de apenas cinco anos sente que deve ficar ao lado do pai, pois o respeita e o venera, mas não mais do que a Vishnu. O conflito parece iminente, mas Prahlad nos ensina o que é a fé, pois em nenhum momento tem um pingo de dúvida de a quem deve seguir. Claro que o pai se revolta contra seu filho e tenta matá-lo várias e várias vezes, todas muito malsucedidas, pois Vishnu torna-se devoto de Prahlad e o protege todas as vezes.

O filme fala sobre muitos assuntos, mas o principal é a fé! Ele nos ensina, através dos ensinamentos de uma criança de cinco anos, que devemos confiar em nosso caminho e nas divindades em que acreditamos. “*Om Namō Bhagwate Vasudevaya*”, que quer dizer: “eu me curvo ao senhor Vasudevaya”, outro nome de Vishnu, é repetido por Prahlad diversas vezes para acessá-lo e adorá-lo, mostrando-nos como confiar plenamente no nosso caminho, quando ele é feito

com o coração.

Uma divindade se tornar devota de seu devoto é o máximo de ação altruísta que podemos ver de um deus, e justamente o avatar mais feroz e destruidor de Vishnu, o homem-leão Narsimha, é quem faz isso. Isso só mostra que os deuses estão aqui para servir-nos, assim como estamos aqui para servi-los, e nos aproxima das divindades — coisa que os hindus sabem fazer muito bem, tendo, por exemplo, a deusa da destruição Kali como “Mãe”.

Saber que os deuses estão ao nosso lado como amigos, irmãos, pais, mães, avós e avôs é tudo que mais podemos querer, sem sacerdotes que façam mediações com inclinações tendenciosas ao seu próprio benefício. Falar diretamente com eles, poder vê-los, chamá-los, senti-los em tudo à nossa volta é a mensagem desta animação.

Na cena em que Vishnu aparece para o pequeno Prahlad, eu chorei igual a uma criança, pois os produtores conseguiram reproduzir uma imagem que considero ser realmente a imagem de uma divindade! É como

ARQUIVOS DE LOKI



se todos nós estivéssemos na presença de um deus!

Se essa animação pretendeu encantar os leigos, satisfazer os mitólogos, renovar a fé e fazer-nos acreditar que tudo sempre pode melhorar, com certeza conseguiu! Afinal, uma história bem contada faz exatamente o que ela nasceu para fazer: mudar vidas! E, se for uma história mítica, também nos faz entender sobre como funciona o universo e o ser humano, em uma tacada só!

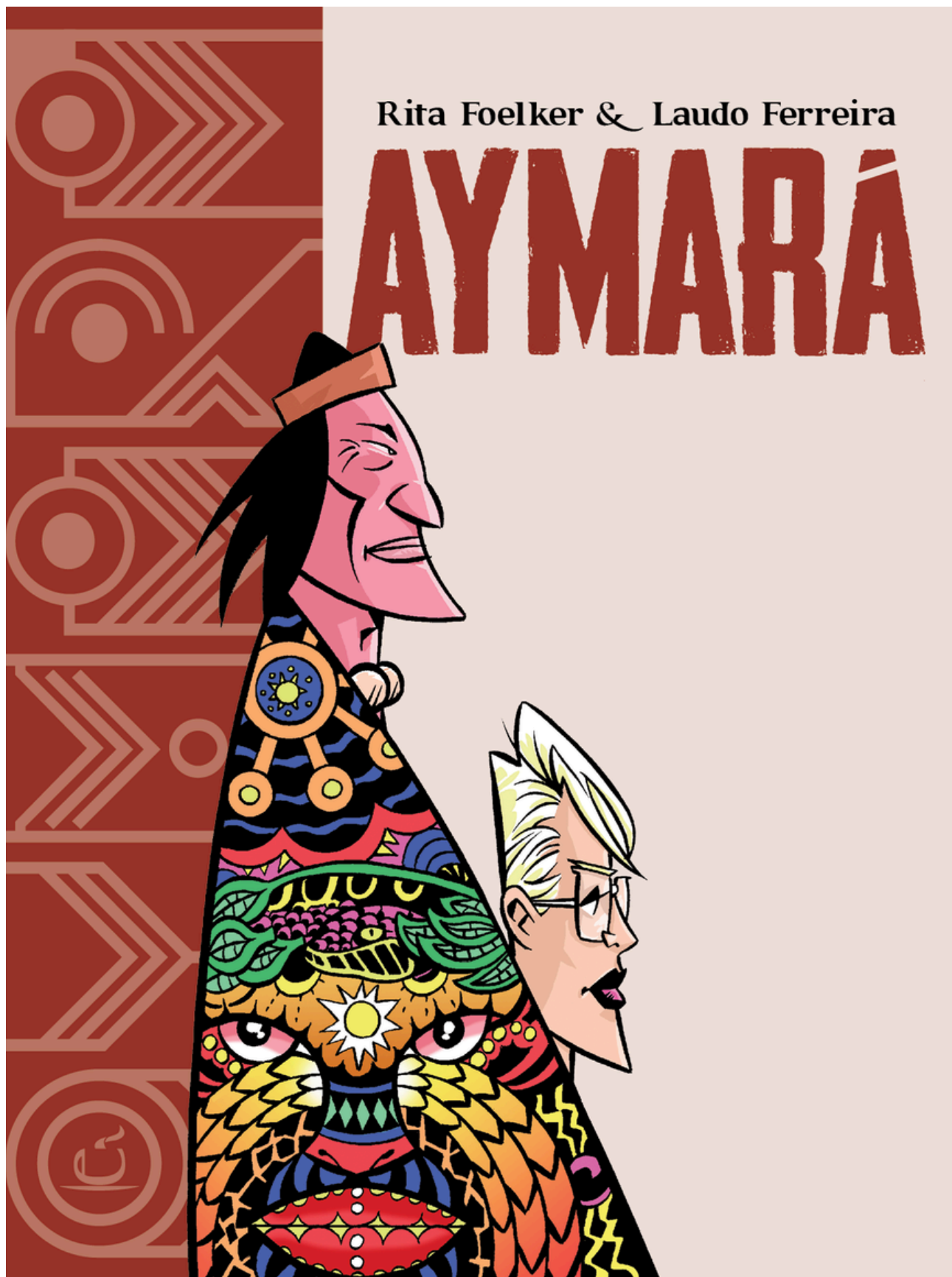
E, para finalizar: *Om Namó Bhagwate Vasudevaya!* Eu com certeza me curvo ao senhor mantenedor do universo, Vasudevaya! E a todas as demais divindades que existem neste mundo!





Rita Foelker & Laudo Ferreira

AYMARÁ



A NONA ÁRVORE



A NONA ÁRVORE



A NONA ÁRVORE



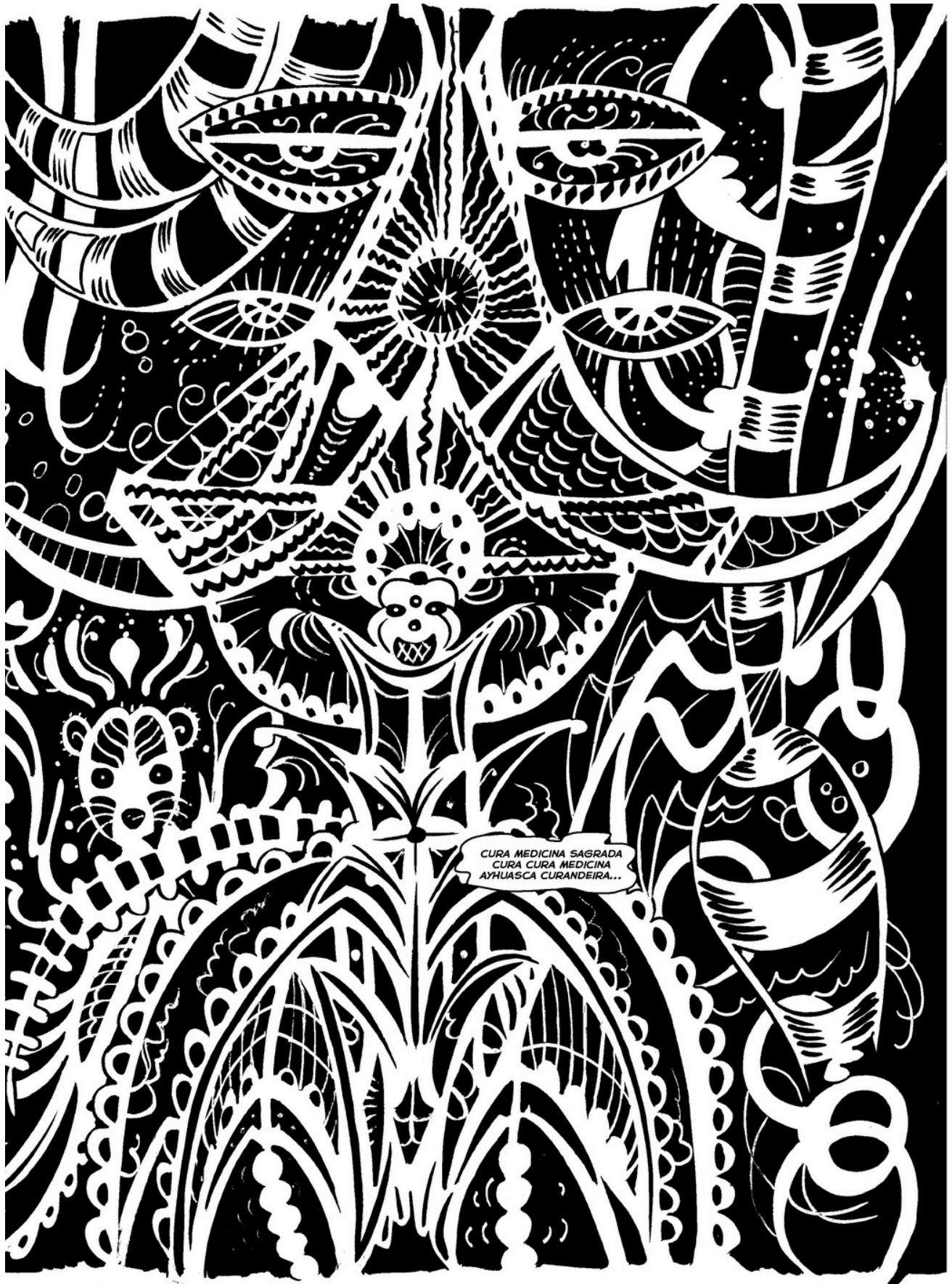
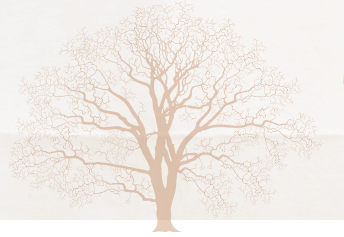
A NONA ÁRVORE



AYAHUASCA CURANDEIRA
CURA CURA MEDICINA...
CURA CURA MADRECITA...

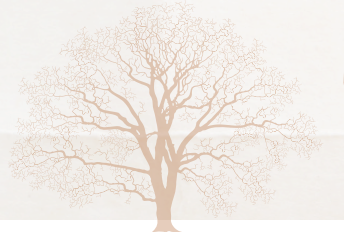
CURA CURA MEDICINA
CURA MEUS PENSAMENTOS
CURA MINHA ALMA...

A NONA ÁRVORE

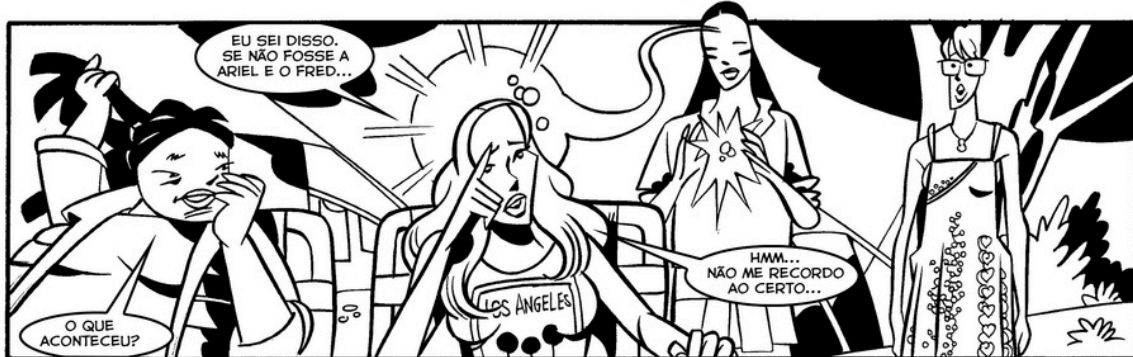
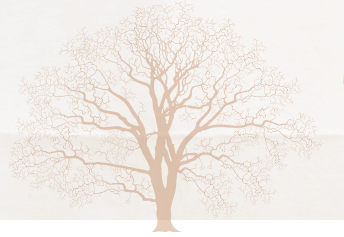




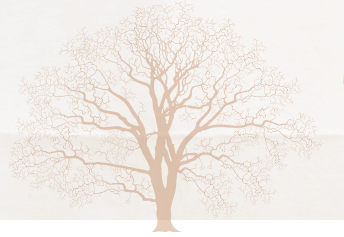
A NONA ÁRVORE



A NONA ÁRVORE



A NONA ÁRVORE



A NONA ÁRVORE



A NONA ÁRVORE





RITA FOELKER



RITA FOELKER é mestre em filosofia, jornalista e escritora. Atua como editora de conteúdo.

Nasceu em Jundiaí/SP, no ano de 1965.

É escritora e ilustradora de livros infantis, tendo também trabalhos no âmbito da literatura para adultos, seja como capista e ilustradora, seja escrevendo ou psicografando obras mediúnicas. Graphic designer e web designer.

Tem concentrado seu trabalho em obras de cunho educacional e dirigidas ao público infantil. É diretora de Edições Gil.

Trabalhos em Educação FORMARE – Programa de Formação e Reciclagem do Educador da Infância e Juventude na Casa Espírita. Encontros Mensais

de Atualização e Reciclagem para Educadores da Infância e Juventude
Oficinas Artes Criação Literária
Origami Pedagógico Espaço do Educador – Página do jornal “Alavanca”, órgão de divulgação da USE – Regional de Campinas/SP.

FACEBOOK:

<HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/RITAFOELKER>

YOUTUBE:

<HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/@RITAFOELKER8862>

WHATSAPP: (11) 992134100

GOSTOU? ENTÃO VISITE AS MÍDIAS
SOCIAIS DOS AUTORES E ACOMPANHEM
OS SEUS TRABALHOS!



LAUDO FERREIRA



Nascido Laudo Ferreira Jr., em São Vicente, litoral de São Paulo em 1964, é desenhista autodidata, trabalhando desde os anos 80 como ilustrador, professor e quadrinista. Ainda entre final dos anos 70 e até meados da década seguinte, teve um envolvimento grande com música e literatura, participando como músico tocando em diversos shows, festivais e bailes nesse período, além de publicar contos, crônica e poesias em diversos jornais literários, fanzines, fase essa que segundo Laudo muito influenciou posteriormente seu trabalho autoral nos quadrinhos.

Já trabalhou para diversas agências publicitárias e de eventos, assim como para grandes empresas: Banco Bradesco, Banco Itaú, Ecolab, Meio & Mensagem, Consórcio Embrakon, Catum Pocotó, O2 Filmes de São Paulo, são alguns exemplos.

É professor de Storyboard e roteiro do Curso de Design de Animação e Games da escola Panamericana de Artes, onde atua desde 2015. Já ilustrou diversas revistas como “Set”, “Playboy”, “Sexy”, “Pesca & Cia.”, “Isto é” e a revista semanal japonesa “Alternativa”, onde desenvolveu uma página de quadrinhos para os brasileiros-japoneses residente no país, durante mais de quatro anos.

Com mais de quarenta anos de carreira, entre seus trabalhos nos quadrinhos mais conhecidos e premiados estão a trilogia “Yeshuah” e posteriormente a edição compilada “Yeshuah absoluto”, “Histórias do Clube da Esquina”, “O santo sangue”, “Cadernos de Viagem”, “Zé do caixão”, a série erótica “Tianinha”, “As tentações de Santo Antônio”, “Auto da barca do Inferno”, entre outros. Além do Brasil, publicou em Portugal, Polônia, Espanha e França.

Além de suas criações autorais nos quadrinhos, Laudo é responsável por uma grande quantidade de adaptações de clássicos da literatura mundial a brasileira, trazendo para as hq’s alguns autores como Castro Alves, Augusto dos Anjos, Oscar Wilde, Gil Vicente Shakespeare e

A NONA ÁRVORE



Monteiro Lobato. Algumas tendo grande sucesso de crítica, de vendas e sendo distribuídas em bibliotecas e escolas de todo país, como “Auto da Barca do Inferno”, “Iracema” e “Navio Negreiro”.

Foi premiado diversas vezes pelos seus trabalhos nos quadrinhos tanto como roteirista (“O santo sangue”, “Yeshuah absoluto”, “Cadernos de Viagem”), como desenhista (“Yeshuah – onde tudo está”) e por obras lançadas (“Depois da meia-noite”, “Yeshuah – onde tudo está”, “à meia-noite levarei a sua alma”), significativos prêmios da área dos quadrinhos, como HQ Mix, Ângelo Agostini e Le Blanc e, no ano de 2023 recebeu durante o 39º Prêmio Ângelo Agostini o troféu Mestre do Quadrinho Nacional.

INSTAGRAM:

@[LAUDOFERREIRA](#)

BLOG:

[HTTPS://LAUDOFERREIRA.BLOGSPOT.COM/](https://laudoferreira.blogspot.com/)

LOJA:

[HTTPS://LAUDOFERREIRA.COM/](https://laudoferreira.com/)

GOSTOU? ENTÃO VISITE AS
MÍDIAS SOCIAIS DOS AUTORES
E ACOMPANHEM
OS SEUS TRABALHOS!



RESENHA RESENHA: AYMARÁ

POR LARISSA DIAS

Qualquer pessoa que perceba que a vida vai muito além do materialismo certamente se interessará pela HQ **Aymar**á, escrita pela jornalista **Rita Foelker** e ilustrada pelo querido artista e roteirista **Laud**o Ferreira.

Sabe aquelas aventuras místicas que muitos sonham em viver? Pois bem: em Aymará, somos convidados a descobrir que qualquer um pode ser o protagonista dessa jornada.

A HQ narra a história de Ariel, uma jornalista de personalidade forte que decide tirar alguns dias de férias para encontrar amigos na praia — algo aparentemente comum, certo? Nem tanto. Nesse cenário, Ariel entra em contato com o mundo espiritual por meio de um *livro emprestado*, do encontro com um *espírito ancestral* que a chama para uma nova consciência e de uma profunda experiência com a *medicina sagrada da Ayahuasca*.

A obra levanta questionamentos essenciais para todos nós: quanto mais avançamos nos territórios da

nossa psique, mais fortes e inteiros nos tornamos. Porém, esse processo também traz desafios — é fácil nos confundirmos e permitirmos que o Ego assuma o controle, desviando-nos do verdadeiro propósito do nosso caminho. Em Aymará, aprendemos que ter poder ou estar certo não é o mais importante, mas sim o amor.

Se pensarmos bem, no plano espiritual não existem dinheiro ou poder, pois essas são construções materiais. Então, por que um ser espiritual nos ensinaria a buscá-los? Não faz muito sentido, não é? O que existe, tanto no mundo material quanto no espiritual, é o amor e o conhecimento. E é justamente por esse caminho mágico que Rita Foelker nos conduz, ao vivenciarmos a jornada de Ariel.

Uma HQ única, que concorreu ao prêmio de Melhor HQ Nacional em 2022 e atravessa o tempo com um tema profundamente contemporâneo: a busca do conhecimento por meio do amor.

ACADEMIA DE QUÍRON



**cursos,
palestras,
eventos...**

**FEV_MAR_ABR
2026**

**ORÁCULOS E
MISTÉRIOS**

Com Luiz Junior

**Todas as Quartas às 19h30
na Vibe Mundial FM 95,7**

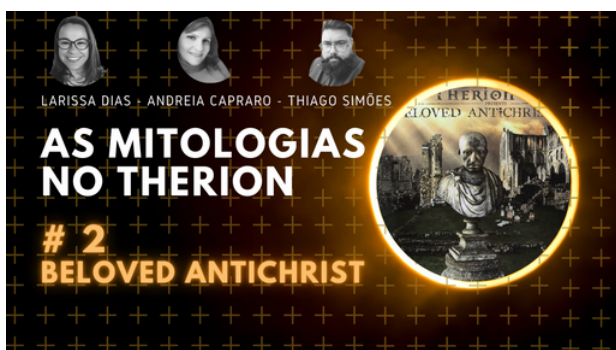


ACADEMIA DE QUÍRON

2026



Assistam nossa série especial no Youtube da Mitologia Aberta:
AS MITOLOGIAS DO THERION!





FEV 2026

RETIRO DE ARTETERAPIA – 13 a 17 fev 2026
ESCOLA SAGRADA CHÃO DE ESTRELAS – EXTREMA / MG

MÁSCARAS DO SELF CARNAVAL DOS DEUSES

Neste retiro vivenciaremos uma conexão profunda com a Mãe Terra, seus elementos e elementais. Através da Arteterapia daremos corpo e voz à sabedoria da nossa alma, celebrando a alegria de ser e estar em relação. Vivenciaremos ao longo desses 5 dias:

- momentos de contemplação da natureza e práticas meditativas, Yoga, banhos de floresta e de ofurô na mata
- vivências em Arteterapia, Mitodrama e Mitologia Criativa
- fogueira com música e dança



Com Patrícia Pinna e participação de Elizabeth Nakata

Informações e inscrições: (11) 99136-4430



MAR 2026

[@animedieval](#)

NOVIDADES E MUDANÇAS

Animedieval

NOVO LOCAL:

OPEN BAR CLUB

RUA HENRIQUE SCHAUMANN, 794 - PINHEIROS, SÃO PAULO

NOVA DATA:

22/03/2026

DOMINGO
DAS 11H AS 22H



INGRESSOS
PROMOCIONAIS
MEIA-ENTRADA
MEIA-SOCIAL
E INTEIRA
JÁ ESTÃO DISPONÍVEIS NA B10!



ABR 2026

Ragnarök Musik Fest

FOLK, VIKING & METAL

11 DE ABRIL DE 2026

O MAIOR ENCONTRO DE MÚSICA E CULTURA
MEDIEVAL DO BRASIL RETORNA EM SUA QUARTA
EDIÇÃO AINDA MAIS GRANDIOSO!

INGRESSOS ANTECIPADOS COM DESCONTO: 

 **clubedoingresso**

 LOCAL: **CLUB A**
ALAMEDA DOS AICÁS, 1642
MOEMA – SÃO PAULO, SP

REALIZAÇÃO:
**SHOW
MUSIK**

ACADEMIA DE QUÍRON

2026



Instagram: [@narinha_raposa](https://www.instagram.com/narinha_raposa)



ENCOMENDAS DE DRAGÕES
PERSONALIZADOS



CONECXAÇÃO COM
GUARDIÕES
ELEMENTAIS

(11) 974702736
NARA



Atendimentos

- Consulta de cartas ou runas
- Reiki Egípcio (com leitura de aura)
- Regressão de vidas passadas
- Encerramento contratos espirituais
- Sagrado feminino (Limpeza de útero)
- Resgate de Alma
- Conexão com os animais de poder
- Acesso de contratos de missões espirituais.
- Medicina do rapé (presencial)
- Encaminhamento de não nascidos
- Consulta de Dragão guardião e demais orientação elemental



NARINHA_RAPOSA



ACADEMIA DE QUÍRON



PEDRAS MÁGICAS - By Nara

Velas Cristal de Poder - Encomendas via Instagram

Instagram: [@narinha raposa](#)

O que são velas de cristal de poder? são ferramentas xamânicas que atuam como portais que aumentam a sincronia da sua essência ou energia missionária, aumentando seu dom, intuição, amor, cura, paz de espírito e necessidades particulares....

Cada Xamã atua com ferramentas diferenciadas de acordo com sua missão, aqui disponibilizo essa facilidade para aqueles que querem acessar os portais de Atlântida de forma facilitada, pois o xamã é único o que abre os portais e mostra o caminho !Não é uma vela comum, pois existem iniciações xamânicas para ativar os portais na vela, ou seja nenhuma cópia de vela cristal terá o mesmo efeito sem iniciações necessárias!

Cada vela contém ervas maceradas e cristais sortidos. Vou colocar exemplo de velas que podem ser encomendadas para meditação ou ritualísticas simples, podendo ser pedido outras energias de acordo com sua necessidade:

- Vela Hécate
- Sagrado feminino
- Vela Deuses Nórdicos Sagrado Masculino
- Vela Sereias
- Vela Xamânica



@caminhonordico



Caminho Nórdico

Aulas e cursos sobre Teologia Nórdica

O Projeto Cultural Caminho Nórdico, fundado em 2016, promove aulas, cursos e atividades culturais voltadas para a preservação e prática do Forn Siðr, a fé nórdica ancestral.



Atividades realizadas mensalmente, ao vivo, via Skype, com material didático e áudio gravado para estudo.

Inscrições e informações de datas e horário no Instagram [@caminhonordico](https://www.instagram.com/caminhonordico)



ESPAÇO KASHA

Arte, cultura e diversidade

Danças Indianas

Odissi e Kathak

Oficinas e
Aulas Regulares



ACADEMIA DE QUÍRON

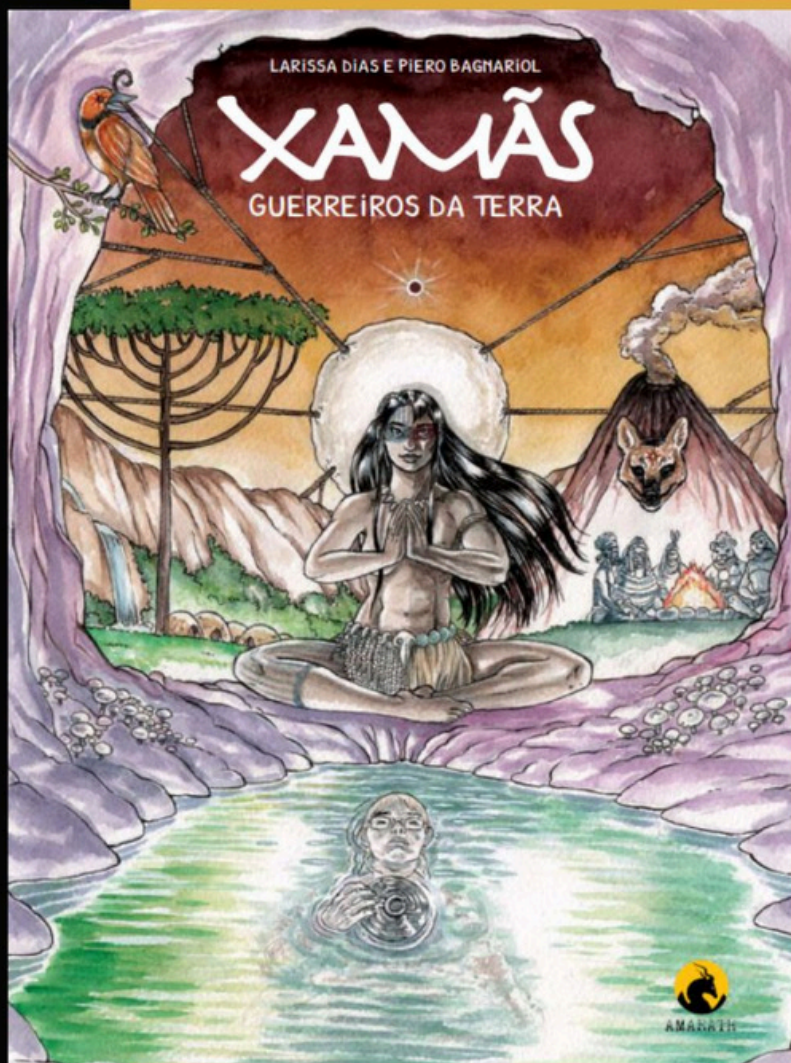
EDITORA AMARATH

<https://www.amarath.com.br/loja>



HQ XAMÃS

HQ XAMÃS:
R\$ 59,90 +
FRETE R\$ 20,00





ORÁCULO XAMÃS

**ORÁCULO
XAMÃS -
22 CARTAS:
R\$ 69,90
+ FRETE R\$ 20,00**

XAMÃS

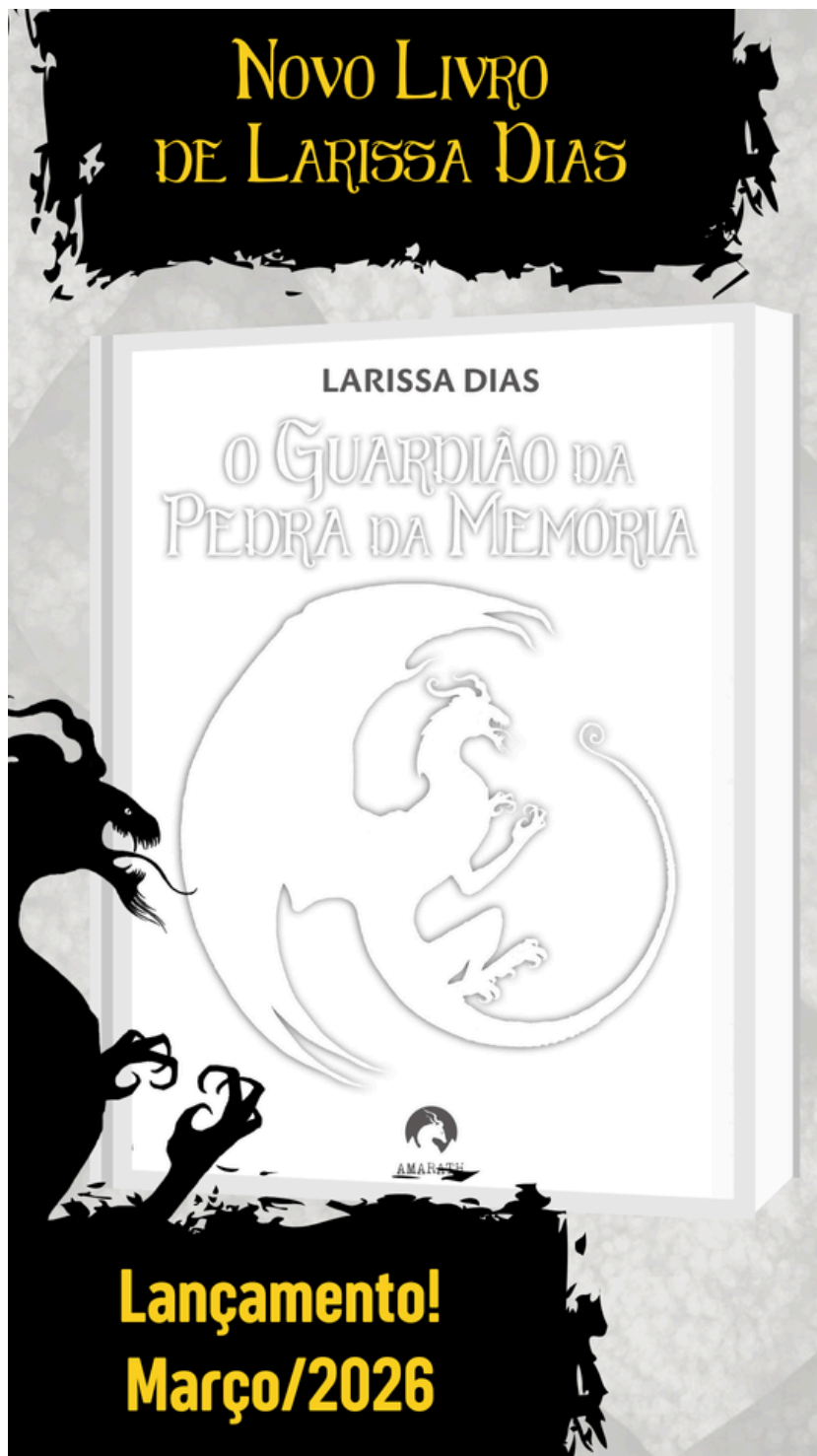
ORÁCULO



ACADEMIA DE QUÍRON

EDITORA AMARATH

<https://www.amarath.com.br/loja>



PANTEÃO DE COLABORADORES



LARISSA DIAS

EDITORA, IDEALIZADORA E COLABORADORA DE ARTIGOS



Larissa Dias é uma paulistana apaixonada por mitologia. Psicoterapeuta e Orientadora Profissional, atua com a mitologia em todos os seus processos.

É Socióloga, com formação nas áreas de Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica, Psicoterapia Junguiana e Recursos Humanos.

Atuando por mais de 15 anos no mundo corporativo, descobriu nos atendimentos de psicoterapia e orientação profissional essa nova e incrível vocação. Criadora do método "Jornada Vocacional", um jogo que atua com a jornada do herói, mitos, e contos para a descoberta da vocação. Também é associada à ABOP (Associação Brasileira de Orientação Profissional) e certificada pela Escola Eneagrama de Khristian Paterhan. Já atuou como professora de Mitologia na Pós-Graduação de Mitologia Criativa e Mitodrama, da UNIP - SP.

Roteirista de Histórias em Quadrinhos e Autora dos Livros: "O Sopro de Vênus - Contos Eróticos-Mitológicos", "A Música do Universo - Uma Jornada Mítica, Musical e Psicológica" e das Histórias em Quadrinhos "Deusas da Terra" e "Xamãs: Guerreiros da Terra", além de já ter participado de outras publicações de mitologia e também de HQs.

SITES: www.larissadiaspsi.com.br / www.amarath.com.br

E-MAIL: larissa@larissadiaspsi.com.br

INSTAGRAM: [@larissadias.mitologia](https://www.instagram.com/larissadias.mitologia)

FÁBIA LUCAS

REVISORA DE TEXTO



Revisora de textos - Conteudista - Professora de Português e Inglês – Licenciada em Letras português-inglês; Especialista em Metodologias do Ensino de Português para Estrangeiros; Concluindo o último semestre de Pedagogia em julho de 2021. Lecionou para turmas do ensino médio de escola estadual em São Paulo; Foi professora voluntária de português para estrangeiros na Missão Paz e membro da equipe que elaborou o conteúdo da apostila virtual no ano de 2020, além dos trabalhos com revisão de livros, artigos e textos acadêmicos. Atuou como conteudista e trabalha para editoras educacionais, desenvolvendo apostilas de ensino da língua portuguesa.

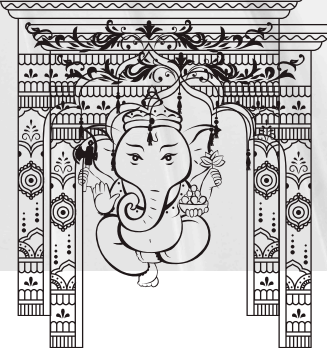
Ainda na infância teve contato com a antiga Coleção Mitologia, publicada pela Editora Abril na década de 1970, cujas histórias despertaram o amor pela leitura. Já adolescente, conheceu os mistérios do Tarot. Além disso, como dançarina encontrou nas danças árabes e ciganas grande amor e motivação para conhecer outras línguas, culturas e religiões, rompendo barreiras de preconceitos e ajudando outros a despertar para as línguas, e, por meio delas, recuperar a liberdade, a dignidade e a autonomia.

INSTAGRAM: [@fabia.luca](https://www.instagram.com/fabia.luca)

E-MAIL: facaroli@yahoo.com.br

LINKEDIN: <https://www.linkedin.com/in/fábiana-carolina-lucas-3183011a2>

PANTEÃO DE COLABORADORES



JACKELINE SANTANA

COLABORADORA ARTÍSTICA



Ilustradora, quadrinista, professora e animadora 2D e 3D. Tem trabalhos autorais mesclando fantasia, horror e romance. Sua primeira HQ foi Abraço de Sangue (2020), um romance de horror gótico. Participou das coletâneas em 2020 para Skript Editora, Pândega (com Paralisia) e Emília 100. Em 2024 lançou Historietas Vampirescas, com desventuras de uma vampirinha desastrada.

Formada em Artes Visuais, estudou Arte Digital na Quanta Academia e Roteiro no Instituto de Cinema, além de Animação 3D no Senac e animação cut-out pela escola Viu Cine

SITE: [Http://jackesart.carrd.com](http://jackesart.carrd.com)

INSTAGRAM: @JackesarT

GABRIELA SABINA

COLABORADORA DE ARTIGOS



Paulista, atualmente morando em Almada (Portugal). Professora de Inglês formada pela Uniban, e de artes pela FAMOSP. Pós graduada em Arte Terapia pela UNESP e Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica pela UNIP.

Desenvolve oficinas de desenvolvimento através da arte e dos mitos, especialmente voltadas para mulheres de todas as idades. É autora do livro ORÁCULO DA MULHER DEUSA, que será brevemente lançado no Brasil.

E-MAIL: gabisabi@hotmail.com

INSTAGRAM: @gabi.sabi

BLOG: Oprazerdereclamar.wordpress.com

FACEBOOK: <https://www.facebook.com/gabriela.sabina>

PANTEÃO DE COLABORADORES



ADRIANA GONÇALVES DE FREITAS COLABORADORA DE ARTIGOS



Nasceu em São Paulo Zona Leste, é contadora de histórias e Professora de filosofia na rede estadual de São Paulo.

Mestre em Filosofia pela UFABC - Universidade Federal do ABC, Cientista da Religião pelas Faculdades Integradas Claretiana de São Paulo, licenciada em Filosofia pela UNIFAI - vila Mariana. Pós graduada em Educação pela PUC-SP e em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia analítica pela UNIP- Vergueiro. Trabalha com Contação de mitos, contos e histórias em suas aulas de filosofia e ama mitologia.

Criadora da página Café Filosófico, no Facebook, que aborda a filosofia por meio de contação de histórias e mitos para interessados no tema:

<https://www.facebook.com/groups/265668807998921/abo>

ELIANE J. LEITE COLABORADORA DE ARTIGOS



Psicóloga e Psicoterapeuta holística. Após uma jornada de 12 anos como jornalista, Eliane encontrou uma fonte de realização na psicologia clínica. Amante da abordagem analítica e apaixonada pelos sonhos dormidos, faz de Carl Gustav Jung e da interpretação dos sonhos seus mais fiéis companheiros de trabalho. Na psicoterapia holística trabalha facilitando constelações familiares sistêmicas e círculos de mulheres. Também é adepta à cura energética através do Reiki Usui e cura multidimensional. É uma admiradora estupefata da natureza, tem esperança de que todos reconheçam nossa unicidade e cuidem com amor do nosso planeta e deseja que todos os seres sejam felizes.

TELEFONE: 97218-4763

INSTAGRAM: @essencia_plena

E-MAIL: eli2711@gmail.com

PANTEÃO DE COLABORADORES



ANDRÉIA CAPRARO

COLABORADORA DE ARTIGOS

Terapeuta e Psicanalista Clínica, atua com Astrologia Psicológica, além de ser Escritora.

Autora dos livros "O Curso de Tarô: a Jornada do Louco"; "Aos Mestres das Runas"; "O Tarot e a Cabala" e o romance "A Maldição da Deusa".

SITE: <https://www.astrosepsique.com.br/>

INSTAGRAM: https://www.instagram.com/andreia_capraro



KESLLER KENDIAN CAMPOS

COLABORADOR LITERÁRIO

Pesquisador independente, natural de Poços de Caldas, atualmente reside em Varginha, Minas Gerais. Dedicou-se desde 2005 à investigação dos mistérios da Mitologia Comparada, do Misticismo e da Literatura.

INSTAGRAM @kesllercampos



PANTEÃO DE COLABORADORES



LAUDO FERREIRA COLABORADOR ARTÍSTICO



Laudo Ferreira (São Vicente/SP, 1964) é desenhista autodidata, ilustrador, roteirista e quadrinista, com mais de quarenta anos de carreira. Atua profissionalmente desde os anos 1980, tendo trabalhado para grandes empresas, editoras e revistas no Brasil e no exterior. É professor de Storyboard e Roteiro no curso de Design de Animação e Games da Escola Panamericana de Artes desde 2015. Autor de obras premiadas como Yeshuah, O Santo Sangue e Cadernos de Viagem, publicou também em Portugal, Espanha, França e Polônia. Destaca-se ainda pelas adaptações de clássicos da literatura para os quadrinhos, amplamente adotadas em escolas e bibliotecas. Em 2023, recebeu o troféu Mestre do Quadrinho Nacional no Prêmio Ângelo Agostini.

INSTAGRAM: [@laudoferreira](https://www.instagram.com/laudoferreira)
BLOG: <https://laudoferreira.blogspot.com/>
LOJA: <https://laudoferreira.com/>

RITA FOELKER COLABORADORA ARTÍSTICA



Rita Foelker (Jundiaí/SP, 1965) é mestre em Filosofia, jornalista, escritora e editora de conteúdo. Atua como escritora e ilustradora de livros infantis, além de desenvolver trabalhos voltados à literatura para adultos, design gráfico e web design. Diretora da Edições Gil, concentra sua produção em obras de cunho educacional, especialmente destinadas ao público infantil. Possui ampla experiência na formação de educadores, com atuação em programas, oficinas e projetos voltados à educação da infância e juventude.

FACEBOOK: <https://www.facebook.com/ritafoelker>
YOUTUBE: <https://www.youtube.com/@ritafoelker8862>
WHATSAPP: (11) 992134100

PANTEÃO DE COLABORADORES



LUIZ JÚNIOR

COLABORADOR LITERÁRIO E ESCRITOR DE ARTIGOS



Luiz Junior é formado em Design de Produtos pela Universidade Mackenzie e em Geografia pela Universidade de São Paulo/USP, com extensão em Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, além de Pós Graduado em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica pela UNIP/SP e em Gestão Estratégica de Marketing pela FAMART/MG. Atualmente faz MBA em Gestão de Projetos e Metodologia Ágeis pela Exame Academy e estuda Liderança na Fundação Dom Cabral. É estudante de astrologia desde 2010 e astrólogo desde 2012, tendo atendido mais de três centenas de pessoas. Ministra cursos de astrologia on-line. É especialista em previsões e interpretações, e fez sua formação na Escola Gaia de Astrologia, em São Paulo. Faz pesquisas periódicas nos campos de Astrologia e Vibrações e das Qualidades Primordiais da Astrologia. Elabora o horóscopo diário para o Jornal Cotia Agora e para empresas em São Paulo e no Brasil. É escritor, com livros lançados na Europa e no Brasil – são dele os livros "O Templo da Magia", "O Livro de Luaror" e "O Pergaminho de Lemanto", entre outros. Pesquisa e escreve sobre Mitos e Lendas brasileiras, tendo lançado o livro "Corpo Seco e Outras Histórias", disponível na Amazon.

www.oraculosemisterios.com.br // www.escritorluizjunior.com.br // (11) 98721-9413

LUIS F. RIBEIRO (HELL YEAH)

COLABORADOR MUSICAL



A Hell Yeah Music Company surgiu em 2020 a partir do sonho de dois amigos, Luis Fernando Ribeiro e Leandro Abrantes, que se conheceram há 15 anos por meio do Heavy Metal e tomaram-no como trilha sonora de suas vidas e matéria prima de sua arte. Respeito, valorização, criatividade e amor pelo que fazemos são nossos pilares.

A #HYMC nasceu para quebrar padrões, ignorar estereótipos e dar suporte às bandas brasileiras que compartilham do mesmo sonho que nós. Baseada em Florianópolis, SC, a Hell Yeah atende bandas de todo o Brasil e de Portugal. Hell Yeah Music Company, música como experiência.

Instagram: [@hellyeahmusiccompany](https://www.instagram.com/hellyeahmusiccompany)

// LinkedIn: <https://linktr.ee/hellyeahmusiccompany> //(48) 99815-6284

PANTEÃO DE COLABORADORES



JÉSSICA DIAS - ALPHA CENTAURI
MÍDIAS SOCIAIS

Sócia da Alpha Centauri BI, Tecnologia e Desenvolvimento, acredita que todo projeto pode (e deve!) ser aprimorado — por isso, tem como lema a melhoria contínua, aliando criatividade, inovação e propósito em tudo o que faz. Paulista, é formada em Biologia e Gestão Ambiental, com ênfase em Licenciamento Ambiental e Sensoriamento Remoto, além de ser licenciada em Biologia e possuir pós-graduação em Segurança da Informação — porque entender o mundo natural e o digital faz parte do seu DNA multidisciplinar. Apaixonada por Ciências Mortuárias, Natureza, Cristais, Artes e Música, também coloca um toque artístico em cada detalhe, contribuindo com a edição e criação de artes para mídias sociais da empresa.

E-mail: jessica@alphacentauritecnologia.com.br
Site: <https://www.alphacentauritecnologia.com.br/>



ÉRICA DIAS
TRADUTORA, REVISORA DE MÍDIAS SOCIAIS E ADMINISTRADORA DO CANAL DA REVISTA MITOLOGIA ABERTA NO YOUTUBE

Formada em Secretariado Executivo Bilíngue, Érica atua com finanças e recursos humanos há mais de 10 anos, possui certificação de RH Business Partner pela FGV e Pós Graduação de Finanças pela Unisa. Tradutora e revisora dos textos bilíngues e das mídias sociais.

E-mail: dias.ERICA14@gmail.com

EDIÇÕES AMARATH
EDITORA RESPONSÁVEL PELA REVISTA MITOLOGIA ABERTA



Amarath é a editora criada por Larissa Dias, com a missão de levar o conhecimento antigo através de autores cujas publicações atinjam um público interessado nos mistérios da mitologia, da magia, da simbologia, da fantasia e do folclore, de modo a transmitir esse conhecimento para o maior número de pessoas possível, visando a evolução da humanidade.

Seu lema é: Mitologia, Magia e Simbologia não são fantasias, pois acreditar faz parte do caminho de evolução de qualquer ser humano.

Site: www.amarath.com.br

AGRADECIMENTOS

Querido Leitor Mitológico,

Chegamos ao fim da 27ª edição da nossa Mitologia Aberta com um sentimento de gratidão a todos os colaboradores que passaram por aqui nos últimos 5 anos! Graças aos deuses, nunca faltaram artigos em nenhuma das sessões, e isso é pura magia!

Nesta edição, gostaria de agradecer à artista de capa, Jacke, que aceitou desenhar uma deusa para nossa edição e se emocionou com o desenho de divindades! Sempre digo que os deuses nos pagam com oportunidades, trabalho, amor, cura; e com todo o amor que a capa foi feita, tenho certeza que Kali está orgulhosa!

Gostaria de agradecer à querida Eliane, que trouxe seu amor a deusa Hécate neste artigo maravilhoso, mais um passo para seu caminho na escrita que cura. Agradeço também à querida Adriana por nos mostrar como comemorações antigas podem nos ensinar lições importantes através de seus conhecimentos tão caros. Agradeço também à querida Gabi por aceitar falar de um tema tão polêmico sobre divindades ao mesmo tempo queridas e temidas, na sua saga de incrível escritora mítica! Agradeço à querida Andreia por ter completado seu ciclo de artigos míticos-astrológicos e por ter enchido a revista da luz do conhecimento.

Agradeço ao Luis, da Hell Yeah, pela maravilhosa parceria de sempre e por escrever tão bem para as páginas da nossa revista, agora sobre mitologia brasileira e sobre uma banda nacional que promete muito! Agradeço ao querido Kesller, que sempre nos presenteia com suas resenhas únicas e apreciativas e com os seus conhecimentos de anos de estudo mítico! Gratidão sempre! Agradeço ao querido Luís Júnior pelas histórias mágicas que veicula em cada edição e por promover a revista em seu outros veículos de imprensa! Agradeço ao Laudo e a Rita por possibilitar uma HQ tão profunda quanto Aymarã e por nos presentear com essa obra para a nossa revista!

AGRADECIMENTOS

E claro, agradeço sempre à querida Fábiana Lucas, nossa revisora presente e cuidadosa, que cuida para que todos os textos da revista tenham o melhor entendimento possível! Agradeço também à maravilhosa Érica Dias pela revisão e tradução das comunicações das mídias sociais. Também agradeço à incrível Jéssica Dias pelas nossas belas e criativas artes que todos podem acompanhar durante o mês no Facebook e no Instagram. Além disso, preciso fazer um agradecimento especial à Érica Dias e ao Ricardo Bajo por fazerem parte da equipe que faz com que aconteçam as nossas lives! Muito obrigada! Agradeço à Alpha Centauri por cuidar do nosso site e por permitir que a Mitologia Aberta possa funcionar!

Estamos em uma época de novas guerras insanas, em que a busca pelo poder cega muitos dos que se chamam “heróis”, causando medo e pânico em nosso mundo. Um herói é aquele que faz uma jornada de sacrifícios para trazer um tesouro, elixir ou uma recompensa ao mundo, algo de bom para todos, para o coletivo. Ler sobre os mitos é entender qual é o caminho correto que cada um de nós pode seguir diante de tanta insanidade.

Agradeço de coração a você, caríssimo leitor, pois a sua leitura foi fundamental nestes últimos cinco anos e será por mais cinco, dez ou vinte, para que possamos continuar nosso trabalho. Nosso coletivo é formado por todos, e a revista é Aberta para servir a todos. Aqui, fazemos nossa jornada heroica para disseminar o conhecimento, e assim dividimos o elixir com todo mundo! Então, Apreciem!

Com a benção dos deuses,

Até a próxima, pessoal!
Equipe Mitologia Aberta.

Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS



Coordenação Editorial
Larissa Dias

ISSN 2764-0299

Equipe Editorial

Editora-chefe: Larissa Dias

Revisão: Fábila Lucas

Projeto Gráfico Original: Karem Dias e Larissa Dias

Atualizações do Projeto Gráfico: Jéssica Dias e Larissa Dias

Ilustração da Capa: "Kali", Jackeline Santana

Colaborador Literário: Luiz Júnior

Colaborador Musical: Luis F. Ribeiro - Hell Year Music Company

Edição Original: 2026, Fevereiro, World Wild Web

Periodicidade: Trimestral

Colaboram Nesta Edição:

Eliane Leite, Gabriela Sabina, Adriana de Freitas, Andréia Capraro, Kessler Campos, Laudo Ferreira, Rita Foelker, Jéssica Dias, Ricardo Bajo e Érica Dias.

Editora: Edições Amarath

Endereço: Rua Henrique Dias, 56 - Jardim Aclimação - Santo André - SP - CEP: 09171-580

Revista Eletrônica de Livre Circulação

Todos os direitos reservados a seus autores ou detentores.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a permissão expressa e por escrito da Revista Eletrônica de Mitologia Aberta.

Distribuído on-line por Revista Eletrônica de Mitologia Aberta

Administração do Site: Apha Centauri